



DIÁLOGOS INTER-RACIAIS: Guia para rodas de conversa

Projeto Diálogos Inter-raciais

REALIZAÇÃO

Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal do Paraná -
Campus Curitiba

COORDENADORAS DO PROJETO

Michele Bravos e Patrícia Meyer

E-book Diálogos Inter-Raciais: Guia para Rodas de Conversa

COORDENADORAS

Michele Bravos e Patrícia Meyer

AUTORA

Thais Bonato Gomes

COLABORADORAS

Adriana Pellanda Gagno e Cassia Cristina Moretto da Silva

DIAGRAMADORA

Kath Xapi Puri

REVISORES

André Bakker da Silveira e Ester Athanásio

CAPA

Kath Xapi Puri

PROJETO GRÁFICO

Kath Xapi Puri

ISBN: 978-65-982829-1-2

2024

Instituto Aurora



4.0 Internacional

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais.

SOBRE O INSTITUTO AURORA

INSTITUTO AURORA PARA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, com atuação desde 2018, tem como missão promover e defender a educação em direitos humanos, ampliando a compreensão do tema e promovendo diálogos para o reconhecimento das diferenças e para a construção da paz. Alinhados com a Agenda 2030 da ONU, atuamos com populações vulneráveis e não-vulneráveis, com especial atenção aos jovens, a meninas e a mulheres, e a servidores públicos de áreas estratégicas de mudança, como: da justiça, da segurança pública e da educação. Desde 2020, produzimos pesquisas sobre o contexto institucional da Educação em Direitos Humanos no Brasil, utilizando esses dados para embasar ações de advocacy. Desejamos que nossa organização seja reconhecida por educar em direitos humanos de forma dialógica, plural e despolarizada. Almejamos integrar um país socialmente justo, livre de desigualdades e preconceitos, e que compreenda sua humanidade compartilhada. O Instituto Aurora já esteve presente no conselho consultivo da ouvidoria externa da Defensoria Pública do Paraná e na Comissão de Estudos de Violência de Gênero da OAB/PR. Atualmente, integra a Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos na seção Paraná, a Comissão Municipal de Direitos Humanos de Curitiba, o Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos do Paraná e a Comissão Nacional de Políticas Educacionais em Direitos Humanos do Ministério da Educação/MEC.

WEBSITE: <https://institutoaurora.org/>

PRIMEIRAS PALAVRAS

Por Michele Bravos

Diretora executiva do Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos

Falar sobre o Brasil sem mencionar as desigualdades estruturais que o moldaram ao longo dos séculos, como o machismo e o racismo — para citar apenas estes — é ignorar as vidas que foram e continuam sendo aniquiladas — literal ou subjetivamente. Reconhecer esses problemas e as pessoas mais afetadas por eles é parte essencial de uma caminhada que se pretende feminista e antirracista.

Nos últimos anos, o debate sobre antirracismo ganhou mais espaço no Brasil, com escritoras como Djamila Ribeiro popularizando conceitos antes restritos ao meio acadêmico, como “lugar de fala” e “racismo estrutural”. Foi por meio da coleção Feminismos Plurais, organizada por Djamila, que eu própria me aproximei pela primeira vez desses termos.

Como mulher branca, entendi que, para ser uma aliada das populações negras e indígenas, eu precisava estudar! E estudar especificamente sobre questões étnico-raciais. Percebi que, mesmo com minha formação e atuação como educadora em direitos humanos, ainda faltava um aprofundamento nessa área.

Passei, então, a ler muito mais autoras — e reforço aqui o gênero — negras e indígenas, não apenas em obras literárias, mas também em textos acadêmicos sobre questões étnico-raciais e outros temas. Foi assim que me apaixonei por bell hooks e me conectei profundamente com um de seus primeiros livros que li: *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade*.

A leitura desse livro foi o que inspirou o nascimento do projeto Diálogos Inter-raciais. No [Instagram do Instituto Aurora](#), compartilho essa história com mais detalhes.

O projeto surgiu em 2020, diante da incômoda realidade da discriminação racial no Brasil, somada ao desejo profundo de contribuir para mudá-la por meio da educação sob uma perspectiva feminista e dialógica. No âmbito pessoal, convidei a professora Patrícia Meyer, à época coordenadora e hoje membro do Núcleo de

Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Curitiba. Ela prontamente aceitou e abraçou a ideia, transformando o Diálogos Inter-raciais em um projeto de extensão e conferindo a ele a robustez necessária para avançarmos com qualidade.

Por isso, afirmamos que o projeto é idealizado pelo Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) do IFPR - Campus Curitiba.

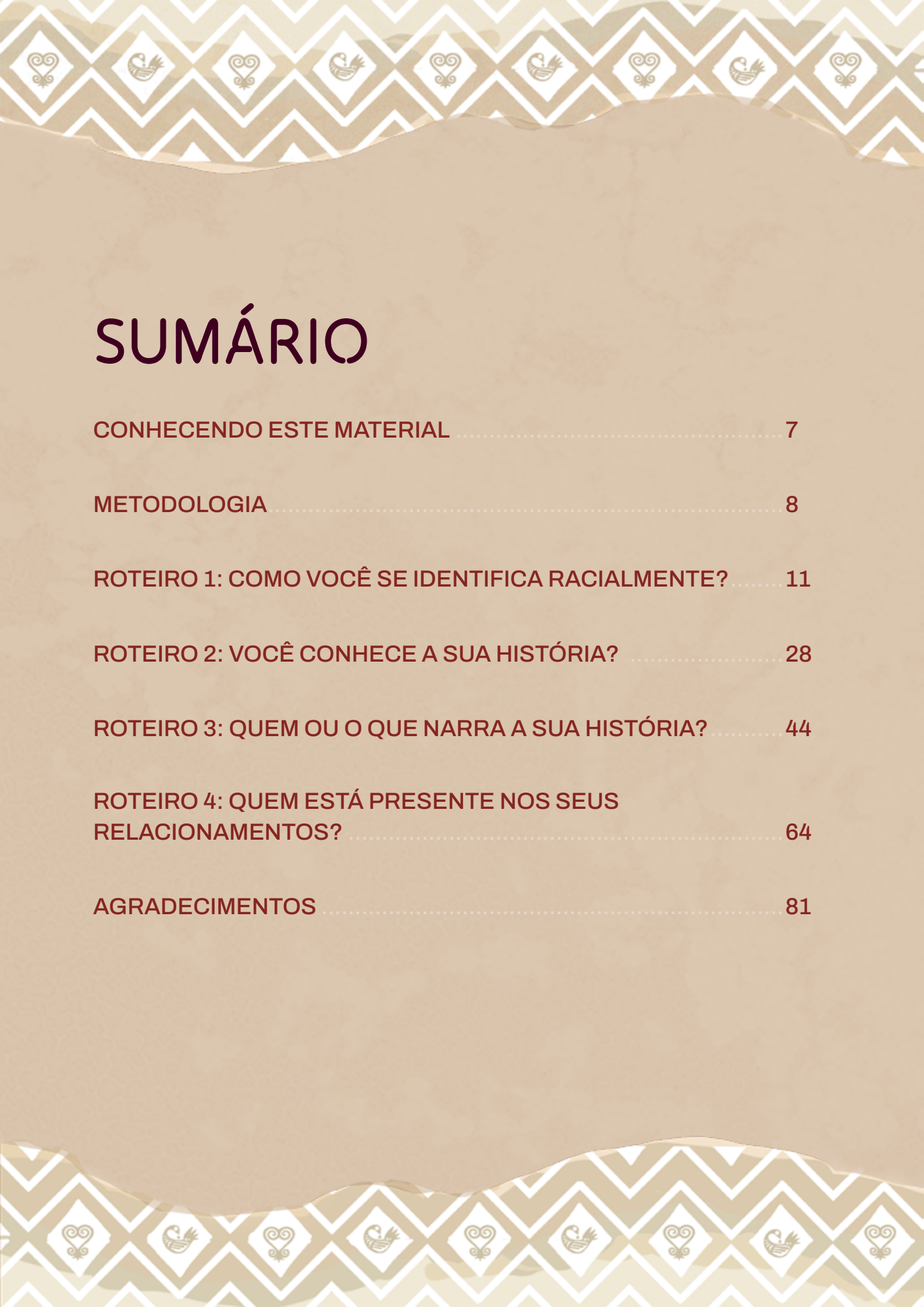
Até aqui, realizamos 32 rodas de conversa sobre questões étnico-raciais (considerando a 6ª edição ocorrida neste ano de 2024) para diferentes públicos, em todas as regiões do Brasil — marco alcançado nessa última edição. Além deste, essa edição é também marcada pela realização de um podcast com 4 episódios e um material didático, que é este que você lê.

Essas novas ações do projeto se tornaram possíveis diante do apoio financeiro do Fundo de Financiamento Alumni - Bicentenário das Relações EUA-Brasil, da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, para a qual expresso nossos agradecimentos.

Por fim, àquelas e àqueles que se aproximarão do projeto Diálogos Inter-raciais por meio desse material, eu desejo que ele afete vocês em algum lugar que seja marcante, impulsionando-os, fortalecendo-os para a construção de um país livre de preconceitos e discriminação. Seja pela possibilidade de refletir pela primeira vez sobre a própria autodeclaração racial, seja pela tomada de consciência da dimensão do racismo estrutural em nosso país, seja pela surpresa de conhecer artistas negros e indígenas até então desconhecidos por vocês...

Esse material é para pessoas de todas as autodeclarações raciais, a fim de contribuir para a valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas, o letramento racial e para a luta antirracista.

Seguimos juntas e juntos!
Com amor, Michele Bravos



SUMÁRIO

CONHECENDO ESTE MATERIAL	7
METODOLOGIA.....	8
ROTEIRO 1: COMO VOCÊ SE IDENTIFICA RACIALMENTE?	11
ROTEIRO 2: VOCÊ CONHECE A SUA HISTÓRIA?	28
ROTEIRO 3: QUEM OU O QUE NARRA A SUA HISTÓRIA?	44
ROTEIRO 4: QUEM ESTÁ PRESENTE NOS SEUS RELACIONAMENTOS?	64
AGRADECIMENTOS	81

CONHECENDO ESTE MATERIAL

Diálogos Inter-Raciais: Guia para Rodas de Conversa é um material educativo voltado para a facilitação de diálogos sobre relações inter-raciais no Brasil. Ele é um produto do projeto Diálogos Inter-raciais, uma iniciativa do Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal do Paraná - Campus Curitiba.

Entre os anos de 2020 e 2024, o projeto Diálogos Inter-raciais realizou 32 rodas de conversa e muitos foram os roteiros de facilitação criados e testados com diferentes públicos: jovens estudantes, professoras e professores do Ensino Médio, Técnico e Superior, técnicos administrativos do IFPR, ativistas sociais, entre outros. Em 2024, o projeto teve a oportunidade de lapidar o conhecimento elaborado até aqui e criar o material didático que você está lendo. Portanto, este guia carrega toda essa trajetória do projeto Diálogos Inter-raciais.

É válido dizer que a edição que chega até você foi colocada em prática durante o período de 18 de novembro de 2024 a 29 de novembro de 2024, durante a 6ª edição do projeto que, pela primeira vez, alcançou um público de todas as regiões do Brasil, totalizando uma formação

para cerca de 90 pessoas. Após esse período, ajustes foram feitos, garantindo que o material pudesse ser melhor utilizado por quem for tê-lo como base para facilitação de rodas de conversa sobre as temáticas étnico-raciais.

Este guia foi elaborado para a formação de educadoras e educadores, portanto o seu conteúdo está direcionado para um público de jovens e adultos.

Estruturado em quatro encontros temáticos — identidade racial, ancestralidade, lugar de fala e relacionamentos inter-raciais —, o guia propõe reflexões coletivas por meio de metodologias participativas, inspiradas no modelo dos “Círculos de Diálogo”, derivado das práticas restaurativas.

Utilizando música, poesia e obras de arte como pontos de partida, cada roda de conversa promove um espaço acolhedor para a troca de experiências, autoconhecimento e aprendizagem sobre temas como colorismo, racismo estrutural e pertencimento.

Com curadoria artística e referências bibliográficas de apoio, o livro é um convite para repensar e dialogar sobre relações raciais no Brasil, enfatizando o respeito, a empatia e a construção de memórias coletivas.

METODOLOGIA

A metodologia para condução de diálogos que você conhecerá a seguir tem como base os fundamentos dos Círculos de Construção de Paz, prática sistematizada por Kay Pranis a partir da observação de povos indígenas que costumam se reunir em círculos, para resolver conflitos e transmitir conhecimento, valorizando a partilha oral. Em seu livro *Processos Circulares*, ela propõe que qualquer pessoa, mesmo sem um treinamento formal, pode realizar um Círculo de Diálogo, que é uma das possíveis aplicações da metodologia.

Um Círculo de Diálogo, que é uma roda de conversa guiada, visa a partilha de pontos de vista diferentes. Kay nos diz que é essa partilha que possibilita um aumento da compreensão sobre determinado assunto e uma disposição para construirmos mais pontes em nossas relações interpessoais.

Nós recomendamos a leitura desse livro e também do material *No Coração da Esperança*, de Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis. Este último, de distribuição gratuita, disponível em pdf.

Lembre que este guia foi elaborado para a formação de educadoras e educadores, portanto o seu conteúdo está estruturado para um público de jovens e adultos. Caso queira utilizá-lo com crianças e adolescentes, leve em consideração adaptar o material.



A adaptação é a chave de toda facilitação. Compartilhamos uma pequena história com você sobre isso. Em 2024, aplicamos rodas de conversa em Icoaraci, distrito de Belém (Pará), no âmbito de outro projeto do Instituto Aurora. Na ocasião, nossa parceira, a jovem ativista social e climática Tayná Silva, uma liderança em seu território, nos questionou o uso de termos em inglês presentes na metodologia dos Círculos de Diálogos. Foi aí que repensamos esses termos e os adaptamos. Fez tanto sentido que incorporamos as novas palavras nos roteiros de rodas de conversa de outros projetos. Por isso, você verá, nos roteiros a seguir, que chamamos “check-in” de “chegança” e “check-out” de “saideira”, tal qual nos ensinou Tayná.

Antes do encontro

DEFINIR QUEM SERÁ A PESSOA FACILITADORA

É importante que a pessoa facilitadora esteja disposta a escutar, a se expor, a ter a responsabilidade de manter o espaço de troca seguro e equilibrado. Essa responsabilidade deve ser compartilhada com todo o grupo, no entanto, quando ocorre algum desvio e o grupo se sente um tanto instável, é a facilitadora quem deve retomar e trazer o grupo para a proposta novamente.

É interessante também definir uma pessoa no grupo que fará o papel de cofacilitadora ou de apoio à facilitadora principal.

DEFINIR O GRUPO

Para a realização dos encontros, sugerimos que você monte um grupo com até 10 pessoas. Como a ideia é dialogar, um número maior do que esse pode deixar o encontro muito longo e, por isso, cansativo.

Nós te incentivamos a montar um grupo heterogêneo, plural, uma vez que o objetivo é dialogar com diferentes pontos de vista.

Você pode decidir trabalhar com um mesmo grupo todos os roteiros propostos neste guia; ou trabalhar com grupos diferentes cada um dos roteiros.

CONHECER OS ROTEIROS

Os roteiros foram pensados de forma interconectada, sendo que cada um aborda aspectos importantes das questões étnico-raciais. No entanto, eles também funcionam de forma independente um do outro.

Sugerimos que os roteiros sejam adaptados à realidade de cada grupo com que se trabalhará. Você pode adaptar os exemplos, as palavras escolhidas, as atividades de abertura ou encerramento.

CONVIDAR PARA O ENCONTRO

Indicamos que você organize os convites com uma certa antecedência, de aproximadamente 10 dias. Assim, as pessoas podem se programar. Mesmo

que você já tenha um grupo para receber a roda de conversa, como uma turma na escola em que trabalha, é interessante também informá-lo antes que pretende fazer essa atividade.

Antes do encontro, é importante que você entre em contato com cada pessoa do grupo para expor a ideia e checar o interesse dela em participar. Quando você já estiver com a sua lista de interessados, é só agendar um melhor dia e horário para vocês se encontrarem.

Outra maneira de fazer o convite é divulgando nas suas redes sociais. Neste caso, você pode definir o dia e horário que você considera conveniente e divulgar em um post, fazendo um convite aberto aos seus seguidores. Para facilitar o seu controle, você pode criar um formulário no Google para que as pessoas interessadas preencham, enviando seus nomes e e-mails.

Tanto em uma opção quanto em outra, lembre-se de mandar as informações do encontro três dias antes do evento e no dia mesmo. Assim, ninguém corre o risco de esquecer!

No dia do encontro

PREPARAR O ESPAÇO

É importante chegar ao local do encontro ou se conectar uns 20 minutos antes do combinado, para checar se seu microfone e vídeo estão funcionando bem.

Prepare-se para neste dia algumas pessoas entrarem em contato perguntando informações sobre o encontro. Então, esteja disponível para isso.

No presencial, os participantes sentam sempre em círculo, de modo que todas as pessoas possam se ver. Na versão online, em uma adaptação, podemos pedir para as pessoas deixarem as suas telas no modo “galeria” ou “mosaico”, desta forma, todas se veem.

Durante o encontro

FACILITAR UMA RODA DE CONVERSA

A facilitadora da conversa recebe os participantes na sala física ou virtual.

Enquanto aguarda as pessoas, você pode deixar uma música ligada ou uma tela de boas-vindas.

Conforme as pessoas forem entrando, peça para elas irem sentando em círculo, no caso do presencial. Já no caso do virtual, apenas as receba na sala. No presencial, a fala é passada de uma pessoa para a outra seguindo a ordem do círculo. No virtual, a facilitadora pode orientar que a ordem de fala será por ordem alfabética ou ela também pode chamar as pessoas pelo nome.

Com todos os participantes presentes ou conectados, dê início à conversa.

Antes das rodadas de perguntas em si, sugerimos iniciar os encontros com uma atividade de abertura (uma espécie de quebra-gelo), seguida de uma rodada de apresentação dos presentes, na qual todos dizem seus nomes, inclusive você.

No final, agradeça a participação de todas as pessoas. Você também pode fazer uma captura de tela, para futura

divulgação do tempo relevante que passaram juntos.



O QUE FAZ UMA PESSOA FACILITADORA?

A função de quem faz a facilitação é de auxiliar no diálogo, lançando comentários e perguntas que direcionem a conversa, sem monopolizar a fala. A facilitadora também responde às perguntas feitas, ou seja, você também é uma participante. Além disso, a facilitadora deve estar preparada e aberta para responder dúvidas que possam surgir sobre conceitos que estão sendo apresentados na roda, como democracia, representatividade... Por isso, é importante que você, enquanto pessoa facilitadora, tenha lido e estudado o roteiro todo. Para a roda ser fluída, mantenha ele por perto para ir acompanhando cada etapa. Tudo isso fará com que você se sinta mais segura.

IMPORTANTE!

Ao longo dos roteiros que lerá a seguir, você verá que há sugestões de falas e comentários para que você, enquanto pessoa facilitadora, faça no momento de sua facilitação. A ideia é trazer sugestões e orientações. Você também encontrará dicas direcionadas a você, como em uma conversa entre nós. A nossa intenção não é enrijecer o processo, mas deixá-la mais segura.

TEMA 1:

COMO VOCÊ SE IDENTIFICA RACIALMENTE?

**PALAVRA DO ENCONTRO:**

A palavra-chave para esse encontro é “**identidade**”.

Ao fim do encontro, esperamos que vocês tenham refletido sobre a própria autodeclaração racial e sobre os processos de racialização brasileira. Dessa forma, queremos que vocês pensem sobre como isso impacta o próprio entendimento de pertencimento/autoidentificação racial e as relações raciais do país.

PODE SE ACHEGAR

Facilitadora, enquanto aguarda as pessoas chegarem à sala, você pode colocar uma playlist para tocar e deixar o clima de recepção mais acolhedor.

**SUGESTÃO DE PLAYLISTS:**

- 🔗 Playlist 1 (criada pela facilitadora Leticia Galvão);
- 🔗 Playlist 2 (criada pelo grupo Améfrica/UFSC);
- 🔗 Playlist 3 (criada por Dessa Ferreira);
- 🔗 Playlist 4 (criada pela ONG Abraço Cultural).

ABERTURA

Facilitadora: Oi, pessoal. Que bom ver vocês por aqui. Eu gostaria muito de agradecer a presença de cada pessoa. Neste encontro, iremos realizar uma roda de conversa e, como o nome sugere, a ideia é que a gente possa falar e se escutar. Usaremos uma metodologia em que:

 **No presencial:** permaneceremos em círculo;

 **No remoto:** faremos o esforço de manter as câmeras ligadas e o modo mosaico ativo.

Assim, todas as pessoas poderão se ver. Nessa metodologia, nós, enquanto pessoas facilitadoras, estaremos aqui para trazer algumas provocações e comentários, mas o grande conteúdo deste encontro virá de vocês, das histórias de vida de vocês, das ideias de vocês. Então, o nosso desejo é que vocês se sintam livres para participar.

VALORES E COMBINADOS

Facilitadora: Considerando que este é um grupo plural, eu quero propor que tenhamos alguns valores e combinados guiando o nosso encontro para termos um ambiente seguro, horizontal e acolhedor, como: respeito, empatia, honestidade, não-julgamento. Temos 3 combinados principais:

1º) Nós vamos nos comprometer a falar em primeira pessoa. A ideia aqui é aprendermos em conjunto, a partir das histórias uns dos outros, das diferentes narrativas.

2º) Em um diálogo, tão importante quanto falar é escutar, por isso nós vamos nos comprometer em escutar de modo intencional. Escutar é algo ativo e exige atenção e disposição para entender o ponto de vista da outra pessoa. Por isso, eu convido vocês para uma escuta atenciosa, uma escuta ativa.

3º) Nós vamos nos comprometer a não deixar a roda de conversa no meio do encontro.

 **No remoto:** sabemos que existem exceções no remoto, como falhas na conexão. Nesse caso, iremos aguardar o seu retorno caso venha a acontecer.

Facilitadora: *Você concorda com os valores e combinados propostos?*

 **Pedir para as pessoas darem um ok.**

CHEGANÇA

Facilitadora: *Para dar início ao encontro, quero propor uma rodada de apresentações, já fazendo com que você reflita sobre a sua identidade racial. Quero que você fale 3 coisas:*

- 1. o seu nome;*
- 2. como você se autodeclara racialmente;*
- 3. sua história para chegar a essa identificação racial.*

Algumas questões que podem ajudar nessa reflexão são: como foi para você se identificar com a sua raça? Você sempre soube qual é a sua raça? Ou isso é algo que você ainda está construindo? Foi algo que você descobriu ou mudou ao longo do tempo?

Eu começo! (Facilitadora, você pode iniciar a rodada).

 **Pessoas respondem**

Facilitadora: *Muito obrigada por todas as falas. Percebam como só um momento de apresentações já abriu muito o nosso olhar sobre a temática e nos mostrou como a identificação racial no Brasil é algo complexo e diverso para cada pessoa.*

 **Comentar sobre as diferenças ou semelhanças entre os relatos de experiência de forma geral.**

Diante das respostas que vocês apresentaram, e de conhecer um pouco mais sobre a identificação racial de cada pessoa presente, vamos assistir a um vídeo. Peço que vocês prestem bastante atenção no conteúdo, nas referências contidas nele, no jeito que é narrada esta história.

 **Vídeo disponível em: [Slam Cor](#)**

Facilitadora: Peço que quem já tenha ouvido falar de Slam levante a mão.

 **Remoto:** Pedir que pessoas levanten a mão na videochamada.

O slam é uma batalha de poesias faladas, que podem ser decoradas ou lidas, e o único instrumento dessa arte é a voz, a oralidade. A poesia, que por muito tempo foi algo reservado apenas às elites, hoje ganha espaços diversos, entre eles as periferias, sendo uma aliada de causas sociais e um espaço livre para se falar sobre o que quiser: amor, dor, família, racismo...

O vídeo apresenta muitas referências culturais e temáticas que iremos aprofundar hoje.



-  A música “A coisa tá preta” de Rincon Sapiência;
-  O poema “Gritaram-me Negra”;
-  A música “Menina pretinha” de Mc Soffia;
-  A tela “Redenção de Cam”;
-  Identidade racial;
-  Colorismo;
-  Discriminação racial;
-  Apropriação cultural;
-  Empoderamento.

Agora que assistimos ao vídeo, quero que vocês escrevam uma palavra (ou expressão) que o resuma, para vocês.

 **No presencial:** escreva essa palavra no post-it.

 **No remoto:** escreva essa palavra no link que deixei nos comentários.

 **Utilizar site gratuito de criação coletiva de mosaicos, como o [mentimeter.com](https://www.mentimeter.com)**

 **Pedir para as pessoas escreverem a palavra nos comentários**

 **Pessoas escrevem**

Facilitadora, você pode:

 **No presencial:** fazer um mural com os post-its.

 **No remoto:** compartilhar o quadro de palavras online.

Ou

Leia as palavras compartilhadas, teça comentários sobre o que se apresentou e agradeça pela participação.



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

LUZ, Igor Gomes. O que é Slam? Poesia, educação e protesto. Profs, 2019. Disponível em: [Slam](#).

RODADA 1

Facilitadora: *Para começarmos esse aprofundamento, eu gostaria que vocês observassem a pintura chamada “A redenção de Cam”, de Modesto Brocos, de 1895, e “A Primeira Missa no Brasil”, de Victor Meirelles, de 1860.*



A Redenção de Cam, Modesto Brocos, 1895.



A Primeira Missa no Brasil, Victor Meirelles, 1860.

Facilitadora: *O que vocês enxergam? Qual a ligação dessas artes com a temática racial?*



Pessoas respondem

Facilitadora: As obras “A Redenção de Cam” (1895), de Modesto Brocos, e “A Primeira Missa no Brasil” (1860), de Victor Meirelles, são representações artísticas de uma visão eurocêntrica que marcou a história do Brasil e nos ajudam a entender o ideal de branqueamento como uma suposta solução para o futuro do país.

Em “A redenção de Cam”, a mulher negra de pele preta, retinta, com as mãos para o céu em agradecimento — à sua salvação obtida pelo branqueamento da sua linhagem, com o neto branco — está posicionada ao lado de sua filha, miscigenada e, portanto, com a pele negra mais clara. Ela, por sua vez, está ao lado do companheiro branco com seu filho no colo. Uma criança branca, sendo contemplada por seus pais com admiração.

Já “A Primeira Missa no Brasil” traz uma representação da primeira celebração cristã em solo brasileiro, em que indígenas observam o rito europeu com admiração e passividade, reforçando a ideia de “civilização” por meio do cristianismo. Nesta obra, as pessoas brancas ocupam a centralidade e as luzes estão as destacando, enquanto os povos indígenas encontram-se na marginalidade.

As duas obras retratam um processo de dominação europeia que promovia o embranquecimento e a submissão cultural de povos originários e africanos. Após a abolição, a mestiçagem foi apresentada como solução para clarear a população em até três gerações, resultando no desaparecimento de pessoas negras e indígenas no Brasil. Em 1911, esse discurso foi divulgado internacionalmente, ignorando a violência dos estupros coloniais, e promovendo uma visão idealizada que justificava a extinção das populações negras e indígenas. Além disso, o branqueamento era reforçado por políticas de imigração europeia, que visavam substituir a força de trabalho negra e indígena.



PERGUNTA-CHAVE 1:

Facilitadora: De que formas a romantização do encontro colonial e o projeto de embranquecimento ainda influenciam a nossa sociedade e, até mesmo, a sua vida?



Pessoas respondem

Facilitadora: *Guerreiro Ramos, na década de 1950, já observava que a inferiorização e a carga negativa sobre quem era negro ou indígena influenciava diretamente a forma como as pessoas se enxergavam. Para o intelectual negro, muitas pessoas tendem a ter dificuldade de se autodeclararem enquanto pretas e pardas, negando sua identidade racial, pelo fato de ser negro e indígena muitas vezes ser acompanhado de estereótipos negativos.*

Grada Kilomba (2019) destaca que o processo colonial se dá pela estigmatização que marca pessoas racializadas como “problemáticas”, “preguiçosas”, “exóticas” ou “perigosas”. Isso é visível nas micro-agressões e nos julgamentos discriminatórios baseados na aparência, como veremos a seguir.



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 36-41, Jun. 2007. Disponível em: figueredogrosfoguel.

GONZALEZ, Lélia. Discurso na Constituinte. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Flávia Rios; Márcia Lima (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Patologia social do “branco” brasileiro. In: GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1957. Disponível em: beemote.iesp.uerj.br/books/introducao-critica-a-sociologia-brasileira/

MARRONI, Fabiane Villela. Um estudo a partir da semiótica visual da pintura A Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles. **GEARTE**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 29-41, jan./abr. 2018. Disponível em: researchgate.net/publication/325410375_Um_estudo_a_partir_da_semiotica_visual_da_pintura_A_Primeira_Missa_no_Brasil_de_Victor_Meirelles/fulltext/5b0cba42a6fdcc8c2536609a/Um-estudo-a-partir-da-semiotica-visual-da-pintura-A-Primeira-Missa-no-Brasil-de-Victor-Meirelles.pdf.

RONCATO, Murilo. A tela “A Redenção de Cam”. E a tese do branqueamento no Brasil. *Jornal Nexo*, 12 jun. 2018, atual. em 08 jul. 2018. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>.

SILVA, Karine de Souza. “A mão que afaga é a mesma que apedreja’: Direito, imigração e a perpetuação do racismo estrutural no Brasil”.

Revista Mbote, v. 1, n. 1, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/mbote/article/view/9381?fbclid=IwAR36usoKDbcile9IpXC-beWslb3sfO9hl5THnueZhmQv5GWWlm79gw2hlLo>.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n3/a08v7n3.pdf>.

INTERVALO

RODADA 2

Facilitadora: *Para aprofundar o debate que começamos, trago uma imagem sobre a construção de estereótipos raciais. Observem! Nessa imagem, podemos ver dois homens com dreads, um branco e um negro, e como a sociedade reagiu aos cabelos de ambos.*



Ilustração: Xêdiarte (facebook.com/xediarte/). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-em-dia-tudo-e-apropriacao-cultural/#gs.AYxtopl>

Na segunda obra, vemos uma mulher indígena com fones de ouvido e um celular.



Arte de Denilson Baniwa. Imagem disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/a-cell-phone-or-a-laptop-dont-make-you-less-indigenous-denilson-baniwa/>



PERGUNTA-CHAVE 2

Facilitadora: O que essas imagens geram em você? Quais provocações elas estão nos trazendo?



Pessoas respondem

Facilitadora: Na Imagem 1, vemos uma pessoa branca usando dreads e sendo elogiada por seu estilo, enquanto uma pessoa negra com o mesmo penteado é estigmatizada, vista como “fora do padrão”. A imagem nos faz refletir sobre a apropriação cultural e o privilégio: práticas culturais, quando incorporadas por pessoas

brancas, são valorizadas, enquanto nas pessoas racializadas essas mesmas práticas são vistas como ameaças ou características de menor valor. A questão vai além da estética; envolve identidade, cultura e o reconhecimento dos ancestrais. O debate não deve limitar-se à escolha individual, como “Posso ou não posso usar algo?”. Ao contrário, deve-se questionar sobre como combater o olhar discriminatório que inferioriza símbolos e características de origem negra e indígena, compreendendo que o valor cultural de tais signos transcende a moda e a ornamentação. Trata-se de reafirmar identidades e respeitar o significado profundo de cada prática.

Já a Imagem 2, que mostra a figura de uma indígena com um celular, aponta para uma questão urgente: a fossilização da cultura indígena. Há um estigma que vê os indígenas como “parados no tempo”, imutáveis. Em nossa sociedade, é comum ouvir que quem usa calça jeans ou celular “não é mais indígena”, como se a identidade indígena fosse incompatível com o uso da tecnologia. Esses estigmas reforçam a ideia de que a identidade indígena está condicionada a uma estética específica e ignoram a dinâmica real das culturas indígenas, que, ao longo dos séculos, têm resistido, adaptado e inovado. Essa fossilização é uma forma de racismo, que nega aos povos indígenas o direito de existir e se expressar no presente, utilizando as ferramentas modernas como meios de preservação e luta pela sua cultura. É comum que indígenas que usam dispositivos como celular ou laptop recebam comentários como “você não parece indígena” ou até acusações diretas de “ex-indígena”, o que revela o profundo desconhecimento sobre a identidade indígena, que não é limitada por uma estética ou função “naturalizada”. Ao contrário, o uso de celulares ou laptops é uma estratégia moderna de resistência e autoafirmação.

Ambas as artes podem nos fazer pensar sobre o quanto o racismo perdura no tempo, sempre reafirmando a subjugação e segregação de pessoas negras e indígenas. Se antes elas sofreram com a escravização, hoje, são vítimas de julgamentos discriminatórios e de estereótipos que limitam as suas existências.



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DUARTE, Leopoldo. “Hoje em dia tudo é apropriação cultural”. **Geledés**, 07 jan. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-em-dia-tudo-e-apropriacao-cultural/#gs.AYxtopI>

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Traduzido por Renato da Silveira. EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Traduzido por Serafim Ferreira. Lisboa: Editora ULISSEIA limitada, 1961.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flavia Rios; Márcia Lima (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios do racismo cotidiano. Traduzido por Jess Oliveira. Rio De janeiro: Cobogó, 2019.

MILANEZ, Felipe; SÁ, Lucia; KRENAK, Ailton; CRUZ, Felipe Sotto Maior; RAMOS, Elisa Urbano; DE JESUS, Genilson dos Santos. Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas / Existence and difference: racism against indigenous peoples. **Revista Direito e Práxis**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 2161–2181, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/43886>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SAIDEIRA

Facilitadora: *Como vocês estão saindo deste encontro?*

Aprenderam algo novo ou tiveram reflexões a partir do proposto?



Pessoas respondem

Facilitadora: *Falamos até aqui sobre a construção do conceito de raça em nosso país, das violências sofridas historicamente em razão da cor de pele e do quanto a história do Brasil é marcada por uma miscigenação que visava apagar a população negra e indígena. Através desse histórico, muitas pessoas miscigenadas têm dificuldade de se definirem racialmente, atravessadas por esses estigmas e pela própria complexidade racial do nosso país.*

Devemos considerar que a percepção de raça muda muito de região para região e que a autodeclaração nem sempre é algo óbvio. Além disso, é preciso reconhecer que quão mais escura é a pele, maiores serão os preconceitos sofridos, e isso é um dos efeitos do colorismo. Reconhecer as diferenças é importante para caminharmos rumo a uma sociedade mais igualitária. Na luta pela justiça racial, pessoas negras e indígenas, além de brancas aliadas se unem, pois como Angela Davis diz: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”. Isso envolve prática, ação e compromisso.

ENCERRAMENTO

Facilitadora: Para encerrar, eu queria convidar vocês a verem o clipe da música “Menina Pretinha” da Mc Soffia.

🔗 **Vídeo: Música: “Menina pretinha”, de Mc Soffia:**

https://youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo&t=131s&ab_channel=MCSoffia

Eu quero agradecer imensamente a disposição de vocês e as trocas que tivemos aqui hoje. Vamos fazer um registro desse encontro?

👤 **No presencial:** peça para tirar uma foto com a turma.

📺 **No remoto:** peça para que todas pessoas abram as câmeras para fazer uma captura de tela.



OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PODEM SER UTILIZADAS PARA TRATAR ESSE TEMA

Se você quiser tratar esse tema com base em outros referenciais, sugerimos algumas alternativas para realizar essa atividade.



VÍDEOS:

🐦 Experimento: “Como você enxerga o racismo?”, campanha “Teste de Imagem” no #ProgramaDiferente. https://www.youtube.com/watch?v=5F_atkP3pqs&ab_channel=%23ProgramaDiferente

Pontos de atenção: *estigmatização negativa ou inferiorizante sobre corpos racializados.*

🐦 Clipe da música “Povoada”, de Sued Nunes - https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c&ab_channel=Mugunz%C3%A1Records

Pontos de atenção: *valorização/resgate ancestral, orgulho, empoderamento e resistência.*



ARTES:



Disponível em: <https://x.com/todandara/status/1686842326260350976>.

Pontos de atenção: *seletividade penal racial e discriminação racial.*



Arte de Isabela Alves. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/exposicao-20xarte-reune-charges-sobre-racismo-no-brasil/>

Pontos de atenção: *impactos do racismo nas infâncias e continuidade da inferiorização racial colonial.*



TEXTOS:

🐦 EVARISTO, Conceição. Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016. Disponível em: <https://labescritacriativa.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/11/zac38dta-esqueceu-de-guardar-os-brinquedos-conceic387c383o-evaristo.pdf>

Pontos de atenção: *crônica sobre o impacto do racismo e da violência policial para crianças periféricas.*

🐦 BUDÓ, Marília de Nardin; CAPPI, Ricardo. **Punir os jovens?:** a centralidade do castigo nos discursos midiáticos e parlamentares sobre o ato infracional. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Pontos de atenção: *punitivismo e discurso midiático contra jovens periféricos (em sua maioria negros).*

REFERÊNCIAS

CHEGANÇA

Vídeo poema (slam): MIDRIA. **Eu sou a menina que nasceu sem cor...** TV Cultura, 09 ago. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o6zEZP7pudQ&ab_channel=ManoseMinas.

Texto: LUZ, Igor Gomes. O que é Slam? Poesia, educação e protesto. **Profs**, 2019. Disponível em: [Slam](#).

RODADA 1

Arte: “A redenção de Cam”, de Modesto Brocos, 1895. Disponível em: [Redenção Cam](#).

Arte: “A Primeira Missa no Brasil”, de Victor Meirelles, 1860. Disponível em: [PrimeiraMissa](#)

Textos:

FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 36-41, Jun. 2007. Disponível em: [figueredogrosfoquel](#).

GONZALEZ, Lélia. Discurso na Constituinte. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios; Márcia Lima (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Patologia social do ‘branco’ brasileiro”.

In: GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1957. Disponível em: [beemote.iesp.uerj.br/books/introducao-critica-a-sociologia-brasileira/](http://iesp.uerj.br/books/introducao-critica-a-sociologia-brasileira/)

MARRONI, Fabiane Villela. Um estudo a partir da semiótica visual da pintura A Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles. **GEARTE**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 29-41, jan./abr. 2018. Disponível em: researchgate.net/publication/325410375_Um_estudo_a_partir_da_semiotica_visual_da_pintura_A_Primeira_Missa_no_Brasil_de_Victor_Meirelles/fulltext/5b0cba42a6fdcc8c2536609a/Um-estudo-a-partir-da-semiotica-visual-da-pintura-A-Primeira-Missa-no-Brasil-de-Victor-Meirelles.pdf.

RONCATO, Murilo. A tela “A Redenção de Cam”. E a tese do branqueamento no Brasil. *Jornal Nexo*, 12 jun. 2018, atual. em 08 jul. 2018. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>.

SILVA, Karine de Souza. “A mão que afaga é a mesma que apedreja”: Direito, imigração e a perpetuação do racismo estrutural no Brasil”. **Revista Mbote**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/mbote/article/view/9381?fbclid=IwAR36>

usoKdbcile9IpXC-beWslb3sfO9hI5THnueZhmQv5GWWlm79gw2hILo.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de;
SANTOS, Ricardo Ventura. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n3/a08v7n3.pdf>.

RODADA 2

Arte: Xeidiarte. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-em-dia-tudo-e-apropriacao-cultural/#gs.AYxtopI>

Arte: Denilson Baniwa. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/a-cell-phone-or-a-laptop-dont-make-you-less-indigenous-denilson-baniwa/>

Textos:

BERNADINO-COSTA, Joaze;
MALDONADO-TORRES, Nelson (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DUARTE, Leopoldo. “Hoje em dia tudo é apropriação cultural”. Geledés, 07 jan. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-em-dia-tudo-e-apropriacao-cultural/#gs.AYxtopI>

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Traduzido por Renato da Silveira. EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Traduzido por Serafim Ferreira. Lisboa: Editora ULISSEIA limitada, 1961.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flavia Rios; Márcia Lima (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios do racismo cotidiano. Traduzido por Jess Oliveira. Rio De janeiro: Cobogó, 2019.

MILANEZ, Felipe; SÁ, Lucia; KRENAK, Ailton; CRUZ, Felipe Sotto Maior; RAMOS, Elisa Urbano; DE JESUS, Genilson dos Santos. Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas / Existence and difference: racism against indigenous peoples. **Revista Direito e Práxis**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 2161–2181, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/43886>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ENCERRAMENTO:

Vídeo:

Clipe da Música “Menina pretinha”, de Mc Soffia
Disponível em: https://youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo&t=131s&ab_channel=MCSoffia

CONHEÇA AS E OS ARTISTAS DAS OBRAS VISTAS NESSE ENCONTRO



MODESTO BROCOS



VICTOR MEIRELLES



XÊIDIARTE
(COLETIVO DE ARTISTAS PARA EXALTAÇÃO
DA CULTURA NEGRA)



DENILSON BANIWA



MIDRIA



MC SOFFIA

TEMA 2:

VOCÊ CONHECE A SUA HISTÓRIA?

**PALAVRA DO ENCONTRO:**

A palavra-chave para esse encontro é “**ancestralidade**”.

Ao fim do encontro, esperamos que vocês tenham refletido sobre a história que cada pessoa carrega e sobre o apagamento histórico da jornada de alguns grupos no Brasil, sobretudo indígenas e negras(os).

PODE SE ACHEGAR

Facilitadora, enquanto aguarda as pessoas chegarem à sala, você pode colocar uma playlist para tocar e deixar o clima de recepção mais acolhedor.

**SUGESTÃO DE PLAYLISTS:**

Playlist1 (criada pela facilitadora Leticia Galvão);

Playlist2 (criada pelo grupo Améfrica/UFSC);

Playlist3 (criada por Dessa Ferreira);

Playlist4 (criada pela ONG Abraço Cultural).

ABERTURA

Facilitadora: *Oi, pessoal. Que bom ver vocês por aqui. Eu gostaria muito de agradecer a presença de cada pessoa. Neste encontro, iremos realizar uma roda de conversa e como o nome sugere a ideia é que a gente possa falar e se escutar. A gente vai usar uma metodologia em que:*

 **No presencial:** *permaneceremos em círculo;*

 **No remoto:** *faremos o esforço de manter as câmeras ligadas e o modo mosaico ativo.*

Assim, todas as pessoas poderão se ver. Nessa metodologia, nós, enquanto pessoas facilitadoras, estaremos aqui para trazer algumas provocações e comentários, mas o grande conteúdo deste encontro virá de vocês, das histórias de vida de vocês, das ideias de vocês. Então, o nosso desejo é que vocês se sintam livres para participar.

VALORES E COMBINADOS

Facilitadora: *Considerando que esse é um grupo plural, eu quero propor que tenhamos alguns valores e combinados guiando o nosso encontro, como: respeito, empatia, honestidade, não-julgamento, a fim de termos um ambiente seguro, horizontal e acolhedor. Temos 3 combinados principais:*

1º) *Nós vamos nos comprometer a falar em primeira pessoa. A ideia aqui é aprendermos em conjunto, a partir das histórias uns dos outros, das diferentes narrativas.*

2º) *Em um diálogo, tão importante quanto falar é escutar, por isso nós vamos nos comprometer em escutar de modo intencional. Escutar é algo ativo e exige atenção e disposição para entender o ponto de vista da outra pessoa. Por isso, eu convido vocês para uma escuta atenciosa, uma escuta ativa.*

3º) *Nós vamos nos comprometer a não deixar a roda de conversa no meio do encontro.*

No remoto: sabemos que existem exceções no remoto, como falhas na conexão. Nesse caso, iremos aguardar o seu retorno caso venha a acontecer.

Facilitadora: Você concorda com os valores e combinados propostos?

Pedir para as pessoas darem um ok.

CHEGANÇA

Facilitadora: Para dar início ao encontro, eu gostaria que vocês observassem duas imagens. Ambas são imagens tiradas de materiais didáticos de escolas municipais. Ao olhar para elas, quero que vocês puxem na memória quantos de vocês fizeram algo similar na escola ou propuseram essa atividade em sala de aula, se for docente. Nesta imagem, observem a representação “clássica” da árvore genealógica. Nela, você está na base e os seus ascendentes encontram-se acima.

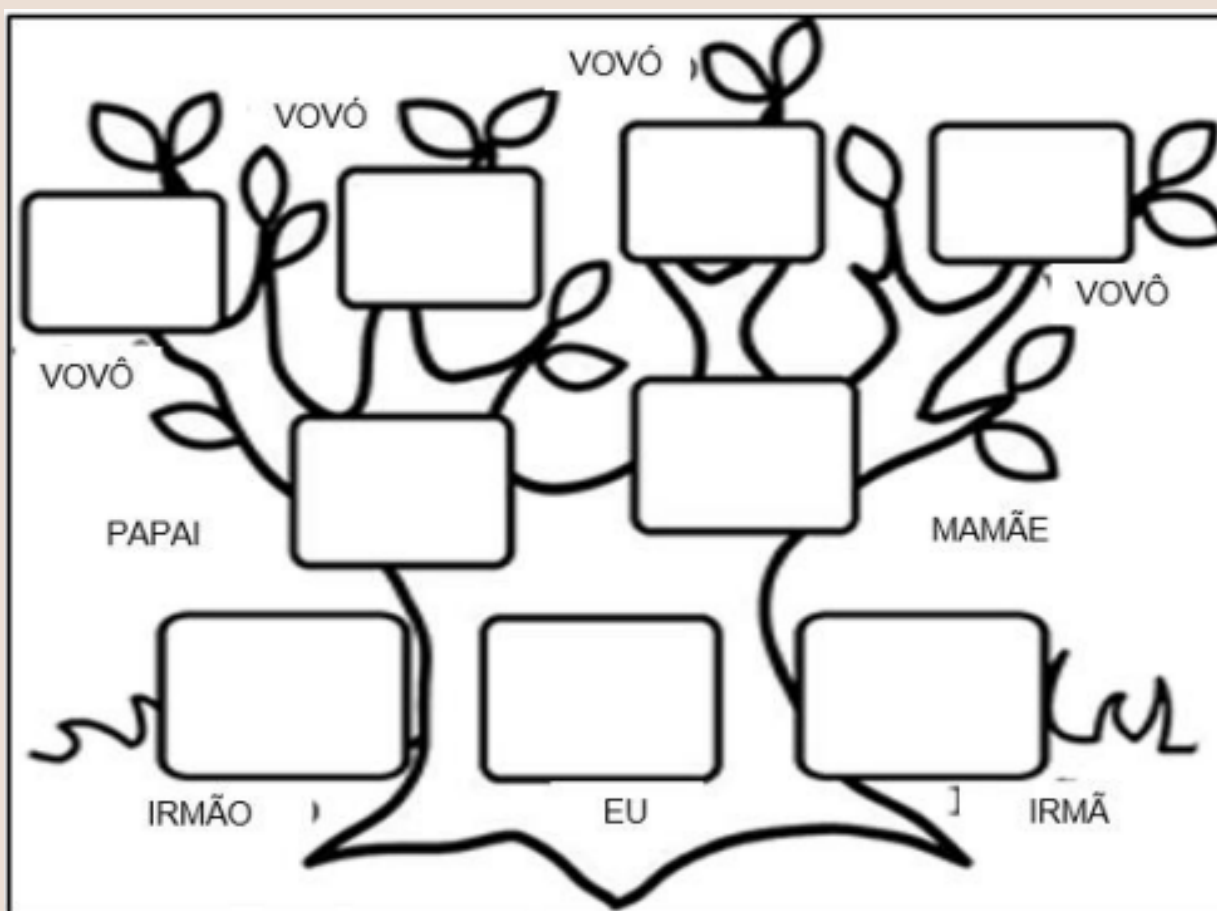


Imagem disponível em: <https://www.sooretama.es.gov.br/uploads/documento/20210522144350-chumbado-1-ano.pdf>

Já nesta outra imagem, a representação da árvore genealógica é inversa. Você está no topo da árvore e os seus ascendentes são as suas raízes.

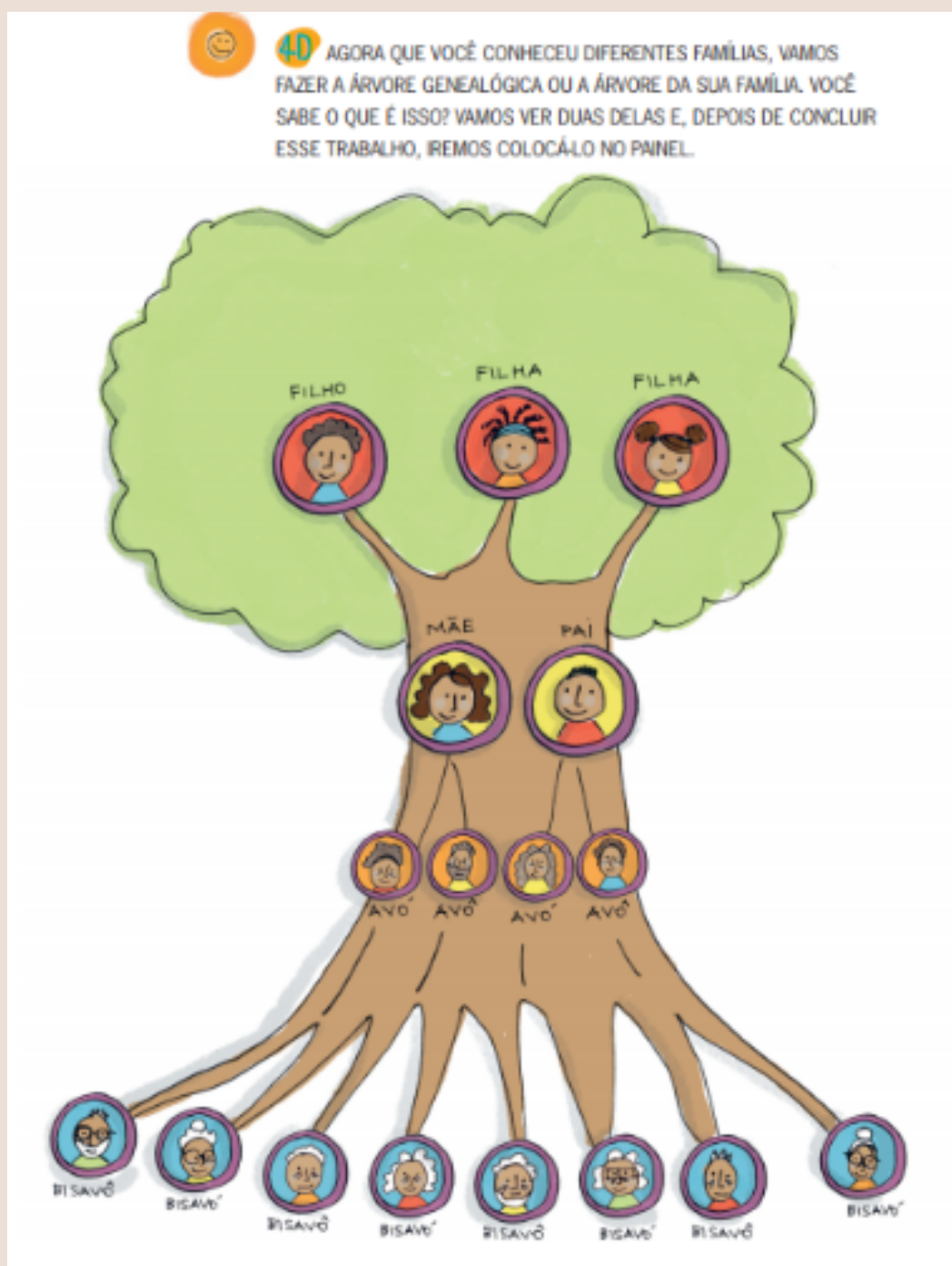


Imagem disponível em: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/dia-da-africa-a-importancia-do-ensino-da-historia-africana-nas-escolas/>

Facilitadora: Vocês conseguem perceber o porquê da diferença entre as atividades propostas?

 **Pessoas respondem**

Facilitadora: A última é uma árvore genealógica diferente, ao invés de crescer de cima para baixo, cresce de baixo para cima. Ela parte do olhar de quem descreve suas origens, ela tem raízes, que são a ancestralidade, tudo que veio antes e que faz com que estejamos aqui hoje. A segunda árvore genealógica traz essa reflexão e a raiz é justamente a história. Ao invés de focar em quantos galhos a sua árvore tem ou não tem, foca nas raízes daquilo que nos constitui, afirmando que, mesmo o que não podemos ver, forma a nossa base.

Facilitadora: Com isso em mente, eu gostaria que vocês se apresentassem brevemente, falando o seu nome e respondendo quem você é, a partir da sua ascendência. Você é filha, neta, bisneta de quem?

Eu posso começar! (Facilitadora, você pode iniciar a rodada).



Pessoas respondem



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

PREFEITURA DE SALVADOR. **Dia da África:** “A importância do ensino da história africana nas escolas”. Salvador, 2021. Disponível em: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/dia-da-africa-a-importancia-do-ensino-da-historia-africana-nas-escolas/>

RODADA 1

Facilitadora: Agora, quero que vocês vejam duas obras de Rosana Paulino, a primeira chamada “As gentes” e a segunda chamada “Parede da Memória”.

Nesta imagem, observem o fundo com azulejos portugueses, as pessoas negras e indígenas desprovidas de face, com adornos tradicionais.



Imagem disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/ccspindica-biblioteca-mario-de-andrade-recebe-rosana-paulino/>

Aqui, foquem na composição deste mural: fotos antigas costuradas em patuás, construindo uma parede que reúne memórias.



Imagem disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>

Facilitadora: *O que chamou atenção nas artes? Sobre o que elas tratam?*

 **Pessoas respondem**

Facilitadora, *preste atenção nesses elementos presentes nessas artes para poder comentá-los:*

-  *Corpos sem rostos*
-  *Azulejos portugueses com um navio à bordo*
-  *Pessoas negras e mulher negra, com adornos tradicionais.*
-  *Construção de memórias familiares a partir de uma junção de fotografias em patuás e costuras.*

Facilitadora: *Rosana Paulino faz crítica ao colonialismo nas suas obras, trabalhando a forma como a colonização e a escravidão e escravidão apagaram a humanidade de quem foi racializado como negro e indígena. Os azulejos portugueses representam a vinda do colonizador pelo Atlântico, representando os navios negreiros e a invasão territorial que aqui aconteceu. As pessoas assim representadas mostram o que foi esse processo, de desumanização, retirada da identidade, da carga de sujeito, o que tornou viável a sua escravização, exploração e genocídio.*

Ela faz o resgate da sua família, criando um mural, evidenciando as suas raízes e dando visibilidade a essas pessoas, às suas memórias. Ao mostrar as fotografias em patuás, traz mais este elemento muito presente nas culturas afro-brasileiras, que remete à proteção, à ancestralidade.

Isso se liga a nossa temática sobre ancestralidade porque as pessoas negras e indígenas e seus descendentes não vão conseguir conhecer por completo a sua ascendência, pelo apagamento histórico que ocorreu. Com uma sensibilidade ímpar, Paulino construiu um mural de memórias, quebrando com esse apagamento.



CURIOSIDADE:

Árvore do esquecimento - plantada no atual Benim, consta que: “Antes de embarcarem para além-mar, rumo ao ‘Novo Mundo’, os cativos andavam em torno da árvore (negros nove vezes e negras sete). Cada volta representava a morte da história de seu povo, de sua história, raízes, subjetividade, memórias, lembranças, laços, etc.” No Brasil, conhecer toda a sua árvore genealógica, ou poder consultar os registros de onde vem, é um luxo de algumas pessoas brancas.



PERGUNTA-CHAVE 1

Facilitadora: *Lá no começo, vocês responderam sobre quem vocês são a partir do passado de vocês. Tentem lembrar como vocês ficaram sabendo disso. Quem contou? Tem foto? Documento? E quando não há registros do passado, como alguém constrói a sua identidade?*



Pessoas respondem

Facilitadora: *Obrigada a todas as pessoas pela participação. A obra de Rosana Paulino nos lembrou do impacto duradouro do colonialismo, que apagou identidades negras e indígenas, dificultando o acesso à própria ancestralidade. Vimos como a ausência de registros impacta a construção da identidade e como o resgate dessas memórias é fundamental para enfrentar o apagamento histórico. Espero que esta reflexão nos inspire a valorizar e preservar as histórias que nos formam, pois isso pode ser feito de muitas formas, como vocês apontaram: pelo registro em fotos, cadernos, pela oralidade.*



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

CARNEIRO, Sueli. Conversa com Sueli Carneiro, a equipe de Educação e o coletivo curatorial da 35ª Bienal. In: Nós não temos um drama, temos uma luta para tocar: conversa entre Rosana Paulino e Sueli Carneiro. 35ª **Bienal de São Paulo**, dez. 2023. Publicado em 24 ago. 2023. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/nos-nao-temos-um-drama-temos-uma-luta-para-tocar-conversa-entre-rosana-paulino-e-sueli-carneiro/>.

FERREIRA JÚNIOR, Antonio Herci. Rosana Paulino: colcha de retalhos e sutura da história. In: Sociedade Nacional de Belas Artes (Org.). A via das máscaras: as artes em Congresso no CSO'2021. **Atas do XII Congresso Internacional CSO**, Criadores Sobre outras Obras. Lisboa, 26 mar. a 03 abr. 2021.

GÓES, Luciano. **Abolicionismo Penal Quilombista**: saberes (des)ordeiros nas encruzilhadas da Criminologia afrobrasileira. Tese de Doutorado. Brasília, Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Brasília, 2023. Disponível em: https://sigaa.unb.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=914¬icia=8113542

PAULINO, Rosana. As gentes. In: **História Natural?**, 2016. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/ccspindica-biblioteca-mario-de-andrade-recebe-rosana-paulino/>

PAULINO, Rosana. **Parede da memória**. 1994. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>

PAULINO, Rosana. Costurando sentidos: o uso de bordados e costuras na discussão de gênero e etnia em uma poética contemporânea. In: **Transbordar**- transgressões do bordado na arte. Curadoria de Ana Paula Cavalcanti Simioni e curadora assistente Jordana Braz. São Paulo: Sesc, 2020.

PICCOLI, Valéria; NERY, Pedro (Curadoria). **Rosana Paulino: a costura da memória**. Textos de Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/12191.pdf>.

PREFEITURA DE SALVADOR. **Dia da África**: A importância do ensino da história africana. 25 de maio de 2021. Disponível em: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/dia-da-africa-a-importancia-do-ensino-da-historia-africana-nas-escolas/>.

SIMÕES, Eduardo. Ancestralidade, território e ciência. Esses são alguns dos elementos que permeiam as obras de Rosana Paulino, artista que está prestes a celebrar 30 anos de carreira e é umas das convidadas da 59ª Bienal de Veneza. **Revista arte!brasileiros**, 17 out. 2022. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/artista/rosana-paulino/>.

INTERVALO

Rodada 2

Facilitadora: *Proponho que a gente assista ao vídeo de Conceição Evaristo declamando o seu poema “Vozes mulheres”¹.*

🔗 **Vídeo disponível em:** https://www.youtube.com/watch?v=5QBXp-MqF18&t=37s&ab_channel=EducaPeriferia

1 Se não for possível assistir ao vídeo, leia conjuntamente o poema “Vozes Mulheres” de Conceição Evaristo com o grupo. Poema disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>

**PERGUNTA-CHAVE 2**

Facilitadora: *O poema fala de silêncios, lamentos e resistências. Como esses sentimentos estão presentes na sua ancestralidade e memória?*

**Pessoas respondem**

Facilitadora: *Esse poema de Conceição Evaristo evoca as gerações de mulheres negras e as marcas que a ancestralidade carrega. É uma homenagem ao passado e ao futuro, uma celebração da memória e do ato de resistência. O poema explora a construção da memória coletiva e a resistência das mulheres negras ao longo das gerações. A análise destaca a literatura afro-brasileira, na qual a autora narra a trajetória das mulheres de sua ancestralidade. As vozes das mulheres, da bisavó até a filha, revelam uma herança de dor, lutas e esperanças de liberdade, simbolizando a conexão entre passado, presente e futuro. O poema resgata as histórias e vivências dessas mulheres, estabelecendo uma identidade afro-brasileira e o papel da memória como elemento central na narrativa.*

**PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:**

MENDES, Ana Claudia Duarte. **Eco e Memória:** Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/201-eco-e-memoria-vozes-mulheres-de-conceicao-evaristo-critica

SAÍDEIRA

Facilitadora: *Até aqui, falamos sobre construção da memória, ancestralidade e apagamento histórico. O que vocês sentiram com as expressões de arte apresentadas hoje? O que mais aprenderam com o encontro?*

**Pessoas respondem**

Facilitadora: *Somos continuidade dos sonhos dos nossos ancestrais e os honramos toda vez que lembramos de onde viemos, enfatizamos o que herdamos de melhor e superamos aquilo com o que não compactuamos ou que não nos serve. Espero que vocês tenham refletido sobre como isso ultrapassa a esfera privada e e sobre como fez parte de um projeto de apagamento, que silenciou algumas histórias de resistência para a manutenção de poder.*

ENCERRAMENTO

Facilitadora: *Para encerrar, trago a arte “Herança” (2022), de Rusha Silva. Observe a imagem da neta e da avó, as plantas, os símbolos presentes na imagem. Em seguida, vamos ouvir a música “Trevo, Figueirinha e Suor na Camisa”, de Emicida e Ivete Sangalo.*

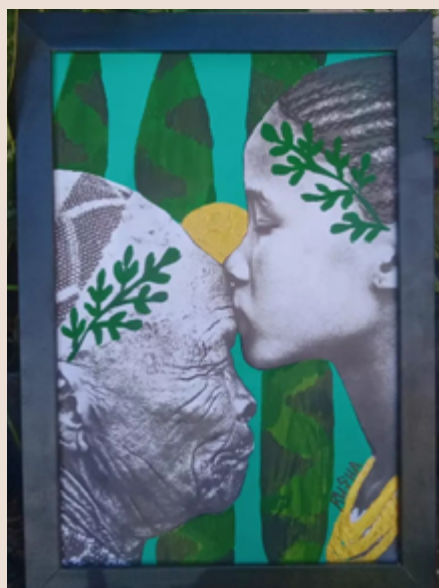


Imagem disponível em: https://www.instagram.com/p/Cc1K0n6Mm1H/?img_index=1

📺 **Vídeo disponível em:** https://www.youtube.com/watch?v=pW5_20zAnB8

Eu quero agradecer imensamente a disposição de vocês e as trocas que tivemos aqui hoje. Para fechar, vamos fazer um registro desse encontro?

👥 **No presencial:** peça para tirar uma foto com a turma.

💻 **No remoto:** peça para que todas pessoas abram as câmeras para tirar um print.

OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PODEM SER UTILIZADAS PARA TRATAR ESSE TEMA



VÍDEOS

🎵 Clipe da música “Retomada”, das cantoras Marina Peralta, AfroJess e Katú. <https://www.youtube.com/watch?v=tnCOlkb-0U8>

🎵 Clipe “Pra que me chamas”, de Xênia França. <https://www.youtube.com/watch?v=ZEpV3C1JO60>

Ponto de atenção: pensar sobre a preservação ou não das histórias dos nossos antepassados europeus, africanos, indígenas, asiáticos etc. Você pode trazer trechos da música para mostrar o quanto a cultura negra sofre com a diminuição e a apropriação por uma sociedade que só a exalta em momentos festivos, como o Carnaval.



ARTES



Arte de Junião. Disponível em: <https://juniao.com.br/cartazes/>

Pontos de atenção: continuidade de lutas anticoloniais e da discriminação racial. Herança, dores e resistência.



Arte "Projeto editorial: Eu sou Porque Nós Somos", de Del Nunes.

Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/bnhall/noticia/733-artista-baiano-lanca-editorial-que-busca-fortalecer-ancestralidade-entre-mulheres>

Pontos de atenção: ancestralidade, cuidado, filosofia Ubuntu.



TEXTOS

🕊️ ANGELOU, Maya. *Still I rise*. (Ainda assim eu me levanto).

Disponível em: <https://www.revistaprosaveroearte.com/ainda-assim-eu-me-levanto-still-i-rise-maya-angelou>

Pontos de atenção: ancestralidade, cuidado, filosofia Ubuntu e resiliência.

🕊️ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.**

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5819069/mod_resource/content/1/Chimamanda%20Ngozi%20Adichie%20-%20O%20perigo%20de%20uma%20hist%C3%B3ria%20%C3%BAnica-Companhia%20das%20Letras%20%282019%29.pdf

REFERÊNCIAS

CHEGANÇA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOORETAMA-ES. **Atividades não presenciais** - período 10/05 a 10/06. Secretaria Municipal de Educação do Espírito Santo, 2021. Disponível em: <https://www.sooretama.es.gov.br/uploads/documento/20210522144350-chumbado-1-ano.pdf>

PREFEITURA DE SALVADOR. **Dia da África:** A importância do ensino da história africana nas escolas. Salvador: Secretaria da Educação, 2021. Disponível em: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/dia-da-africa-a-importancia-do-ensino-da-historia-africana-nas-escolas/>

RODADA 1

CARNEIRO, Sueli. Conversa com Sueli Carneiro, a equipe de Educação e o coletivo curatorial da 35ª Bienal. In: Nós não temos um drama, temos uma luta para tocar: conversa entre Rosana Paulino e Sueli Carneiro. **35ª Bienal de São Paulo**, dez. 2023. Publicado em 24 ago. 2023. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/nos-nao-temos-um-drama-temos-uma-luta-para-tocar-conversa-entre-rosana-paulino-e-sueli-carneiro/>.

FERREIRA JÚNIOR, Antonio Herci. Rosana Paulino: colcha de retalhos e sutura da história. In: Sociedade Nacional de Belas Artes (Org.). A via das máscaras: as artes em Congresso no CSO'2021. **Atas do XII Congresso Internacional CSO**, Criadores Sobre outras Obras. Lisboa, 26 mar. a 03 abr. 2021.

GÓES, Luciano. **Abolicionismo Penal Quilombista:** saberes (des)ordeiros nas encruzilhadas da Criminologia afrobrasileira. Tese de Doutorado. Brasília, Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Brasília, 2023. Disponível em: https://sigaa.unb.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=914¬icia=8113542

PAULINO, Rosana. As gentes. In: **História Natural?**, 2016. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/ccspindica-biblioteca-mario-de-andrade-recebe-rosana-paulino/>

PAULINO, Rosana. **Parede da memória.** 1994. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>

PAULINO, Rosana. Costurando sentidos: o uso de bordados e costuras na discussão de gênero e etnia em uma poética contemporânea. In: **Transbordar-** transgressões do

bordado na arte. Curadoria de Ana Paula Cavalcanti Simioni e curadora assistente Jordana Braz. São Paulo: Sesc, 2020.

PICCOLI, Valéria; NERY, Pedro (Curadoria). **Rosana Paulino: a costura da memória.** Textos de Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/12191.pdf>.

PREFEITURA DE SALVADOR. **Dia da África:** A importância do ensino da história africana. 25 de maio de 2021. Disponível em: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/dia-da-africa-a-importancia-do-ensino-da-historia-africana-nas-escolas/>.

SIMÕES, Eduardo. Ancestralidade, território e ciência. Esses são alguns dos elementos que permeiam as obras de Rosana Paulino, artista que está prestes a celebrar 30 anos de carreira e é umas das convidadas da 59ª Bienal de Veneza. **Revista arte!brasileiros**, 17 out. 2022. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/artista/rosana-paulino/>.

RODADA 2

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: **Poemas de recordação e outros movimentos**, 3.ed., p. 24-25. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres> e https://www.youtube.com/watch?v=5QBXp-MqF18&t=37s&ab_channel=EducaPeriferia

MENDES, Ana Claudia Duarte. Eco e Memória: Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafrro/29-critica-de-autores-feminios/201-eco-e-memoria-vozes-mulheres-de-conceicao-evaristo-critica

ENCERRAMENTO

Emicida; Ivete Sangalo. **Trevo, figurinha e suor na camisa.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pW5_20zAnB8

SILVA, Rusha. **Herança.** 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cc1K0n6Mm1H/?img_index=1

CONHEÇA AS E OS ARTISTAS DAS OBRAS VISTAS NESSE ENCONTRO



ROSANA PAULINO



CONCEIÇÃO EVARISTO



EMICIDA



RUSHA SILVA



IVETE SANGALO

TEMA 3:

QUEM OU O QUE NARRA A SUA HISTÓRIA?

**PALAVRA DO ENCONTRO:**

A palavra para esse encontro é “narrativa”.

Ao fim do encontro, esperamos que vocês tenham refletido sobre quem narra a história do Brasil e quem ou o que narra a sua própria história. De maneira acolhedora e crítica, queremos que vocês ponderem sobre o lugar de fala que cada pessoa tem. Dessa forma, com o encontro, queremos instigar vocês a pensarem sobre como o silenciamento de determinadas vivências também comunica.

PODE SE ACHEGAR

Facilitadora, enquanto aguarda as pessoas chegarem à sala, você pode colocar uma playlist para tocar e deixar o clima de recepção mais acolhedor.

**SUGESTÃO DE PLAYLISTS:**

- 🔗 [Playlist 1](#) (criada pela facilitadora Leticia Galvão);
- 🔗 [Playlist 2](#) (criada pelo grupo América/UFSC);
- 🔗 [Playlist 3](#) (criada por Dessa Ferreira);
- 🔗 [Playlist 4](#) (criada pela ONG Abraço Cultural).

ABERTURA

Facilitadora: *Oi, pessoal. Que bom ver vocês por aqui. Eu gostaria muito de agradecer a presença de cada pessoa. Neste encontro, iremos realizar uma roda de conversa e como o nome sugere a ideia é que a gente possa falar e se escutar. A gente vai usar uma metodologia em que:*

 **No presencial:** *permaneceremos em círculo;*

 **No remoto:** *faremos o esforço de manter as câmeras ligadas e o modo mosaico ativo.*

Assim, todas as pessoas poderão se ver. Nessa metodologia, nós, enquanto pessoas facilitadoras, estaremos aqui para trazer algumas provocações e comentários, mas o grande conteúdo deste encontro virá de vocês, das histórias de vida de vocês, das ideias de vocês. Então, o nosso desejo é que vocês se sintam livres para participar.

VALORES E COMBINADOS

Facilitadora: *Considerando que esse é um grupo plural, eu quero propor que tenhamos alguns valores e combinados guiando o nosso encontro, como: respeito, empatia, honestidade, não-julgamento, a fim de termos um ambiente seguro, horizontal e acolhedor. Temos 3 combinados principais:*

1º) *Nós vamos nos comprometer a falar em primeira pessoa. A ideia aqui é aprendermos em conjunto, a partir das histórias uns dos outros, das diferentes narrativas.*

2º) *Em um diálogo, tão importante quanto falar é escutar, por isso nós vamos nos comprometer em escutar de modo intencional. Escutar é algo ativo e exige atenção e disposição para entender o ponto de vista da outra pessoa. Por isso, eu convido vocês para uma escuta atenciosa, uma escuta ativa.*

3º) *Nós vamos nos comprometer a não deixar a roda de conversa no meio do encontro.*

 **No remoto:** sabemos que existem exceções no remoto, como falhas na conexão. Nesse caso, iremos aguardar o seu retorno caso venha a acontecer.

Facilitadora: Você concorda com os valores e combinados propostos?

 **Pedir para as pessoas darem um ok.**

CHEGANÇA

Facilitadora: Para aquecermos para este encontro, vou ler um depoimento de Conceição Evaristo sobre o termo “escrivência” e, após a leitura, vamos observar uma arte de Goya Lopes (2020).

 **Depoimento e arte disponíveis em:** <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

ESCREVIVÊNCIA:

E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo.

Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais.

Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos.

E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

Conceição Evaristo (2020).



Facilitadora: Como o termo “escrevivências” e a arte de Goya Lopes se relacionam com você? O que elas fazem você pensar?



Pessoas respondem

Facilitadora: Narrar as próprias histórias, especialmente no contexto brasileiro, é um ato de resistência e reivindicação de identidade, como destaca Conceição Evaristo com o conceito de “escrevivência”. Assim como a “Mãe Preta” era usada para ninar os futuros senhores, sem direito à própria voz, as narrativas oficiais

do Brasil frequentemente apagaram ou distorceram as histórias de povos negros, indígenas e marginalizados. Ao reescrever essas histórias, a voz antes silenciada agora é ferramenta de poder e subversão. Nosso encontro hoje é sobre isso: narrativa, lugar de fala, para que a gente fale sobre a história que tecemos e pretendemos tecer. **Se pudéssemos fazer uma lista do que é e o que não é “lugar de fala”, o que vocês diriam?**

Pessoas respondem

Facilitadora, anote as respostas do que é e o que não é “lugar de fala” na perspectiva dos participantes. Você também pode criar uma tabela, usando um recurso visual.

Facilitadora: O “lugar de fala” representa o ponto de vista e o contexto social de onde sua voz se origina. Ou seja, todas as pessoas têm um “lugar de fala”, carregando consigo sua história, suas origens e seus posicionamentos. No entanto, o termo é frequentemente interpretado de forma equivocada, como se apenas pessoas negras ou indígenas pudessem falar sobre raça, enquanto pessoas brancas estariam isentas desse debate.

Esse entendimento precisa ser revisto! Todos têm um lugar de fala e um papel na luta antirracista. As pessoas brancas, por exemplo, devem reconhecer e assumir sua posição, posicionando-se a partir de sua própria perspectiva, mas sem “roubar” o protagonismo e o espaço de outras vozes. É fundamental saber quando falar e exercitar a escuta ativa quando necessário.

O “lugar de fala” não deve servir como desculpa para se ausentar dos debates. O que varia são os olhares, as vivências e o contexto social que cada um carrega.

Assim como uma pessoa branca deve se comprometer com o antirracismo, uma pessoa heterossexual deve se posicionar contra a homofobia, e uma pessoa sem deficiência deve se opor ao capacitismo.

Não se trata de falar por outra pessoa ou explicar o que você não viveu, mas de ser aliado(a), de se posicionar a partir do seu ponto de vista (do seu “lugar de fala”), respeitando aqueles que se expressam

de um “lugar de fala” de quem é parte de um grupo com experiências de vida marcadas pela violência.

Olhem de novo para a arte: Todos nós tecemos uma “escrevivência”, uma escrita do mundo a partir das nossas vidas, vivências, experiências.



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). Ilustrações de Goya Lopes. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos Plurais, 2019.

Rodada 1

Facilitadora: Para dar início à nossa rodada 1, vamos ver uma foto tirada no desfile da escola de samba Mangueira, em 2019, e, em seguida, um trecho do samba-enredo da Mangueira “Histórias para ninar gente grande”, de 2019.

Observar na fotografia a releitura da bandeira brasileira, com os dizeres “índios, negros e pobres”, ao fundo, as imagens de figuras como Marielle Franco, Luísa Mahin e Dandara.



Imagem disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/mangueira-vence-o-carnaval-mostrando-a-verdadeira-historia-do-brasil/>

Agora, vamos ouvir o samba-enredo desse desfile, prestando atenção à letra.

🔗 **Vídeo disponível em:** https://www.youtube.com/watch?v=7SObzDOug_A&ab_channel=Poder360

Facilitadora: Para complementar essa ideia de qual história é contada e qual história é reservada aos porões, não sendo contada, vamos observar juntos a obra chamada “Mapa de Lopo Homem II” (1992-2004), de Adriana Varejão, sob diferentes ângulos, para olharmos bem os seus detalhes.

Aqui, temos um mapa criado pelo cartógrafo português Lopo Homem, que, em 1519, representou o Novo Mundo com a função política de organizar os interesses expansionistas de Portugal. Nele, a América é uma grande coisa, apenas. No meio, temos um corte, uma ferida.



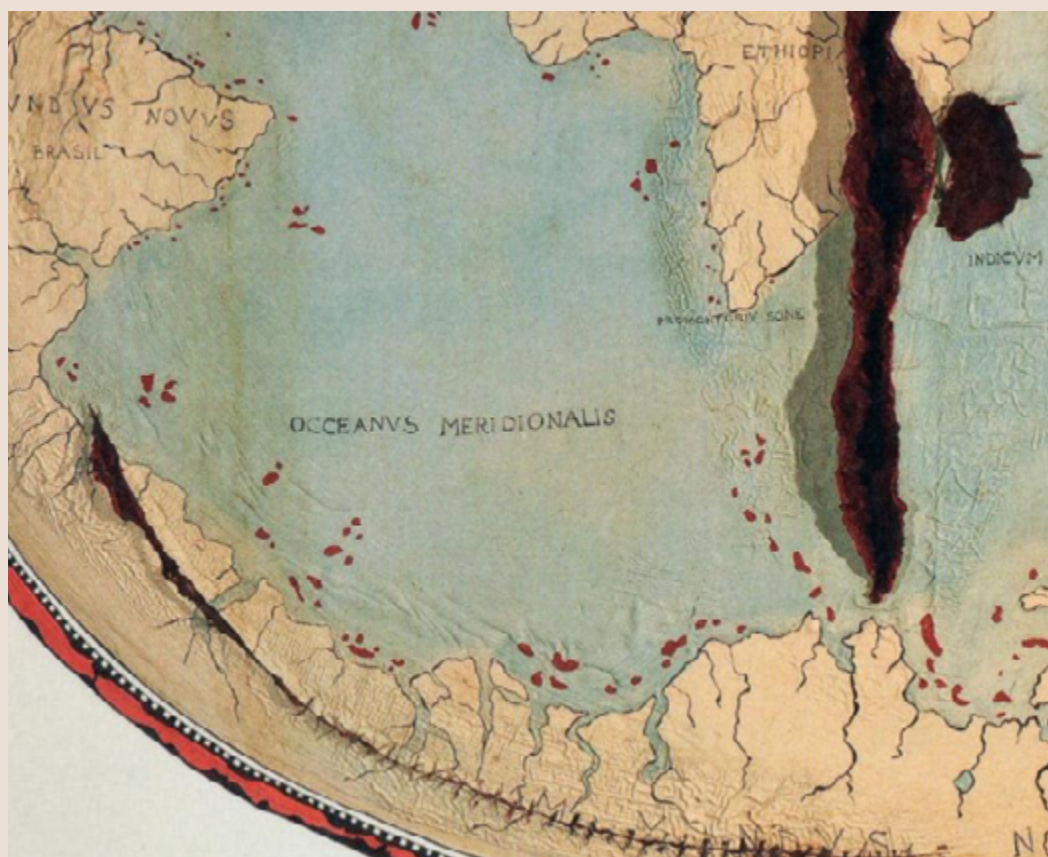
Figura 1: Adriana Varejão, Mapa de Lopo Homem II (2004)

Imagem disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/adriana-varejao/map-of-lopo-homem-ii-2004>

Neste ângulo conseguimos ver melhor a intervenção da artista, que mostra o corte visceral saindo do mapa.



As cores remetem ao sangue, à cicatriz exposta.



**PERGUNTA-CHAVE 1**

Facilitadora: *Como a exposição dessas “feridas” e o resgate das vozes silenciadas nos ensinam sobre a verdadeira história do Brasil?*

**Pessoas respondem**

Facilitadora: *Em “Mapa de Lopo Homem II”, Varejão intervém no mapa colonial português, expondo “feridas” que representam as cicatrizes deixadas pelo colonialismo. Da mesma forma, o samba da Mangueira revisita a história brasileira, trazendo figuras como Dandara, os caboclos, as Marias e Marielle Franco. Salientam-se os heróis populares apagados da narrativa oficial do país, tirando a poeira dos porões, expondo as feridas coloniais. Ambos os trabalhos revelam que há uma história de lutas, resistência e múltiplas identidades que constituem o verdadeiro tecido de um Brasil ainda ferido, mas vivo e em constante reconfiguração.*

A escolha do samba não foi vã. O samba já foi criminalizado e os sambistas perseguidos, mostrando o ataque Estatal das reuniões coletivas populares desde o pós-escravidão. Assim como o samba, o Carimbó, que tem grande expressão na região Norte do país, em meados de 1880, também foi criminalizado no município de Belém. Outras manifestações populares musicais enfrentam a truculência em nome de uma suposta segurança pública, como o rap.

**PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:**

ALMEIDA, Eduardo Augusto Alves de. **Profanação de uma imagem do mundo:** Mapa de Lopo Homem II, de Adriana Varejão. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-15042019-113808/publico/2018_EduardoAugustoAlvesDeAlmeida_VOrig.pdf

GOMES, Arthur Henrique de Souza. “História para ninar gente grande”: olhar decolonial da Mangueira sobre a História do Brasil . **Fronteira:** Revista De iniciação científica em Relações Internacionais, v. 21, n. 42, p. 46-68, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/27517>

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.
Dossiê Carimbó. Inventário Nacional de Referências Culturais, Belém-Pará, 2013. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Inventário Nacional de Referências Culturais sobre o Carimbó.pdf.

INTERVALO

Rodada 2

Facilitadora: Retomando nosso encontro, vamos pensar sobre a pluralidade de narrativas. Tendo em mente alguns questionamentos, como: de que forma criamos a imagem que temos de cada povo? Pensando na diversidade e múltiplas formas de enxergar uma história, vamos observar três artes: “Família Tradicional Brasileira”, de Denise Silva (@denisenhando), e a escultura Mikay (“pedra que corta” na língua Patxôhã) e “Indigente, indi(o)gente, indigen(a)-te”, ambas de Arissana Pataxó.

Com os dizeres “Família tradicional brasileira”, a artista mostra um núcleo familiar de pessoas indígenas.



Imagem disponível em: <https://www.instagram.com/p/BEYwjBmn7P7/>

Nesta arte, há a imagem de 3 fotografias de pessoas indígenas, esvaziadas, com a ausência das pessoas, somente suas silhuetas.



Imagens disponíveis em: <https://www.digitalexhibitions.manchester.ac.uk/s/carla-pt/page/arissana-pataxo>

Esta última arte consiste num facão de cerâmica que traz a pergunta “O que é ser índio para você?”



Imagens disponíveis em: <https://www.digitalexhibitions.manchester.ac.uk/s/carla-pt/page/arissana-pataxo>

**PERGUNTA-CHAVE 2**

Facilitadora: *Como as obras de arte de Denise Silva e Arissana Pataxó desafiam a ideia de tradição e estereótipos que foram impostas historicamente no Brasil? O que essas imagens provocam em vocês?*

**Pessoas respondem**

Facilitadora: *As obras de Denise Silva e Arissana Pataxó desafiam a construção colonial e racializada do conceito de identidade e pertencimento no Brasil. Em “Família Tradicional Brasileira”, Denise subverte o imaginário nacional ao retratar uma família indígena como a verdadeira tradição, questionando a hegemonia do modelo branco e patriarcal que historicamente silencia e apaga povos originários e africanos, essenciais na formação do país. Similarmente, Arissana Pataxó, em sua série “Micay” e “Indigente, índio(o)gente, indígena(a)-te”, denuncia o apagamento e a desumanização da identidade indígena. Ao ocultar os rostos de retratos do século XIX, Arissana confronta a história colonial que apaga rostos e nomes indígenas, lembrando que “indigente” também é uma designação impessoal para cadáveres sem identidade – uma metáfora do esquecimento e da desumanização dos povos originários. Ambas as artistas, ao questionarem o que é tradicional e quem é humano, desafiam a narrativa única e colonial imposta sobre as identidades não brancas no Brasil.*

Chimamanda, em sua palestra “Os perigos de uma história única”, nos alerta sobre como a repetição de uma única versão da história cria estereótipos e apaga a diversidade e a complexidade de povos e culturas. Quando conhecemos apenas uma narrativa sobre um grupo, corremos o risco de perpetuar visões distorcidas, que desumanizam e limitam o entendimento real dessas pessoas. Ela nos lembra que o poder de contar histórias é também o poder de moldar a percepção, e quando uma única história domina, ela se torna uma ferramenta de opressão.

Vejamos um trecho da entrevista de Chimamanda concedida a Lázaro Ramos para fechar essa rodada.

🔗 **Vídeo disponível em:** https://www.youtube.com/watch?v=hqzhZMx_mVQ&ab_channel=CanalBrasil



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Companhia das Letras, 2019.

🔗 Link palestra completa: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-BR&subtitle=en&lng=pt-br&geo=pt-br

SAIDEIRA

Facilitadora: Até aqui falamos sobre “escrevivências”, narrativas plurais, silenciamentos e “lugar de fala”. Para nossa saideira, vamos observar uma arte feita por Thais Bonato Gomes (@thais.artes) em homenagem ao samba-enredo da Mangueira (2019) e a arte de Noé León (1907).

Facilitadora, nesta arte focar nos seguintes pontos:

- ☞ O sol representando a iluminação do que antes estava reservado aos “porões da história”;
- ☞ As plantas Espada-de-São-Jorge, de origem africana, são conhecidas por seu simbolismo de proteção e resgate ancestral;
- ☞ E os três pontinhos (reticências) representando a continuidade de nomes e histórias.



Imagem disponível em: https://www.instagram.com/p/CgdPhbOMGS9/?img_index=1

Neste ponto, observar uma onça-pintada matando um missionário, representando um cenário do que poderia ter vindo a ser a história se não tivesse havido a subjugação de povos por meio da catequização. Entre outras interpretações que a imagem de uma onça pintada devorando o catequista podem despertar.



Imagem disponível em: <https://www.historiadadisputa.com/historia-anticolonial-historia-apatrida/>

Facilitadora: Para finalizar nossa roda, com base em tudo o que vimos hoje, sobre o que vocês refletiram? Como vocês estão se sentindo depois desse encontro?

 **Pessoas respondem**

ENCERRAMENTO

Facilitadora: Por fim, veremos o clipe da música “O que se cala” de Elza Soares, para fechar a ideia de lugar de fala e resistência.

 **Vídeo disponível em:** https://www.youtube.com/watch?v=PFBzfCf2Uic&ab_channel=ElzaSoares

Eu quero agradecer imensamente a disposição de vocês e as trocas que tivemos aqui hoje. Para fechar, vamos fazer um registro desse encontro?

 **No presencial:** peça para tirar uma foto com a turma.

 **No remoto:** peça para que todas pessoas abram as câmeras para tirar um print.



OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PODEM SER UTILIZADAS PARA TRATAR ESSE TEMA



VÍDEOS

🎧 Clipe “AmarElo” de Emicida, com participação de Pablo Vittar e Majur. https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&ab_channel=Emicida

Ponto de atenção: permitir que a própria pessoa fale, não suas cicatrizes. Resiliência para superar desafios.

🎧 TED Talk “O perigo de uma história única” de Chimamanda Adichie. Disponível em: [palestra](#).

Ponto de atenção: refletir sobre o perigo de uma história única, pensar em pluralidade e silenciamentos.



ARTES



Arte: Árvore de Escrevivência, Goya Lopes (2020).
Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

Ponto de atenção: múltiplas representações sobre o termo “escrevivências”. Sala de aula, oralidade, escrita acadêmica, movimento Sankofa, coletividade, sobre sermos “sementes”.



Arte: Filho Bastardo II - Cena de Interior (1995), de Adriana Varejão.

Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/adriana-varejao/filho-bastardo-ii-cena-de-interior-1995>

Ponto de atenção: crítica à miscigenação com base em estupros na colonização. Pensar na fissura histórica da narrativa histórica contada na construção do mito da democracia racial.



TEXTOS

 CARTA CAPITAL. **Homens brancos podem protagonizar a luta feminista e antirracista?** Usar do espaço de privilégio para dar espaço para grupos que não o tenham é necessário, mas não se isso significar silenciá-los. Carta Capital, 28 set. 2015. Disponível em: [Texto](#)

Ponto de atenção: papel de homens brancos em lutas feministas e antirracistas. Refutar a ideia de só quem está na situação de opressão pode lutar contra ela e repudiá-la. Refletir como cada pessoa possui um local social de fala.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Revista Ciências Sociais Hoje, 1984, p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20Lélia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf

Ponto de atenção: Lélia Gonzalez utiliza conceitos da psicanálise para compreender como o racismo no Brasil é uma construção ideológica com benefícios sociais, perpetuando-se através de sua negação e naturalização. Critica a construção do mito da democracia racial.

REFERÊNCIAS

CHEGANÇA

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). Ilustrações de Goya Lopes. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos Plurais, 2019.

RODADA 1

ALMEIDA, Eduardo Augusto Alves de. **Profanação de uma imagem do mundo: Mapa de Lopo Homem II, de Adriana Varejão**. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-15042019-113808/publico/2018_EduardoAugustoAlvesDeAlmeida_VOrig.pdf

MANGUEIRA. Samba-enredo da Mangueira. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7SObzDOug_A&ab_channel=Poder360

GARCIA, Maria Fernanda. **Mangueira vence o carnaval mostrando a verdadeira História do Brasil**. Observatório do Terceiro Setor, 07 mar. 2019. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/mangueira-vence-o-carnaval-mostrando-a-verdadeira-historia-do-brasil/>

GOMES, Arthur Henrique de Souza. “História para ninar gente grande”: olhar decolonial da Mangueira sobre a História do Brasil . **Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais**, v. 21, n. 42, p. 46-68, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/27517>

VAREJÃO, Adriana. Mapa do Lopo Homem II. 1992-2004. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/adriana-varejao/map-of-lopo-homem-ii-2004>

RODADA 2

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Ted Talk. Link palestra completa: [palestra](#).

CANAL BRASIL. **Chimamanda Adichie explica os perigos da “história única”**. Espelho com Lázaro Ramos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hqzhZMx_mVQ&ab_channel=CanalBrasil

KAÊ GUAJAJARA. **Ekize zo ma’e wi nehe**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdkthg22vh8>

PATAXÓ, Arissana. **Arissana Pataxó**. 2009, 2020. Disponível em: <https://www.digitalexhibitions.manchester.ac.uk/s/carla-pt/page/arissana-pataxo>

SILVA, Denise. **Família tradicional brasileira**. Instagram @denisenhando, 19 abr. 2016. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BEYwjBmn7P7/>

SAIDEIRA

GOMES, Thais Bonato. **Homenagem ao dia da Mulher negra latino-americana e caribenha e ao samba-enredo da Mangueira de 2019**. Instagram @thais.artes, 25 jul. 2022. Disponível em: Arte disponível em: https://www.instagram.com/p/CgdPhbOMGS9/?img_index=1

LEÓN, Noé. **Misionero Comido por Tigre**. 1967. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/noe-leon/misionero-comido-por-tigre>

ENCERRAMENTO

SOARES, Elza. **O que se cala**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PFBzfCf2Uic&ab_channel=ElzaSoares

CONHEÇA AS E OS ARTISTAS DAS OBRAS VISTAS NESSE ENCONTRO



ARISSANA PATAXÓ



GOYA LOPES



CONCEIÇÃO EVARISTO



ADRIANA VAREJÃO



ELZA SOARES



**CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE**



THAIS BONATO GOMES



**COMPOSITORES DO SAMBA-ENREDO DA MANGUEIRA DE 2019.
TOMAZ MIRANDA / RONIE OLIVEIRA / MÁRCIO BOLA / MAMÁ / DEIVID
DOMÊNICO / DANILO FIRMINO**



NOÉ LEÓN



DENISE SILVA



LÁZARO RAMOS

TEMA 4:

QUEM ESTÁ PRESENTE NOS SEUS RELACIONAMENTOS?

**PALAVRA DO ENCONTRO:**

A palavra para esse encontro é “**relacionamentos inter-raciais**”.

Ao fim do encontro, esperamos que vocês tenham refletido sobre relações inter-raciais, o nosso lugar de fala na luta antirracista, os estereótipos e imaginários sobre os papéis num relacionamento, através de uma perspectiva interseccional de gênero, raça e classe.

PODE SE ACHEGAR

Facilitadora, enquanto aguarda as pessoas chegarem à sala, você pode colocar uma playlist para tocar e deixar o clima de recepção mais acolhedor.

**SUGESTÃO DE PLAYLISTS:**

- 🔗 [Playlist 1](#) (criada pela facilitadora Leticia Galvão);
- 🔗 [Playlist 2](#) (criada pelo grupo Améfrica/UFSC);
- 🔗 [Playlist 3](#) (criada por Dessa Ferreira);
- 🔗 [Playlist 4](#) (criada pela ONG Abraço Cultural).

ABERTURA

Facilitadora: Oi, pessoal. Que bom ver vocês por aqui. Eu gostaria muito de agradecer a presença de cada pessoa. Neste encontro, iremos realizar uma roda de conversa e como o nome sugere a ideia é que a gente possa falar e se escutar. A gente vai usar uma metodologia em que:

 **No presencial:** permaneceremos em círculo;

 **No remoto:** faremos o esforço de manter as câmeras ligadas e o modo mosaico ativo.

Assim, todas as pessoas poderão se ver. Nessa metodologia, nós, enquanto pessoas facilitadoras, estaremos aqui para trazer algumas provocações e comentários, mas o grande conteúdo deste encontro virá de vocês, das histórias de vida de vocês, das ideias de vocês. Então, o nosso desejo é que vocês se sintam livres para participar.

VALORES E COMBINADOS

Facilitadora: Considerando que esse é um grupo plural, eu quero propor que tenhamos alguns valores e combinados guiando o nosso encontro, como: respeito, empatia, honestidade, não-julgamento, a fim de termos um ambiente seguro, horizontal e acolhedor. Temos 3 combinados principais:

1º) Nós vamos nos comprometer a falar em primeira pessoa. A ideia aqui é aprendermos em conjunto, a partir das histórias uns dos outros, das diferentes narrativas.

2º) Em um diálogo, tão importante quanto falar é escutar, por isso nós vamos nos comprometer em escutar de modo intencional. Escutar é algo ativo e exige atenção e disposição para entender o ponto de vista da outra pessoa. Por isso, eu convido vocês para uma escuta atenciosa, uma escuta ativa.

3º) Nós vamos nos comprometer a não deixar a roda de conversa no meio do encontro.

 **No remoto:** sabemos que existem exceções no remoto, como falhas na conexão. Nesse caso, iremos aguardar o seu retorno caso venha a acontecer.

Facilitadora: *Você concorda com os valores e combinados propostos?*

 **Pedir para as pessoas darem um ok.**

CHEGANÇA

Facilitadora: *Para começar a nossa conversa, vamos pensar: Quem eram/são os seus vizinhos? Quem foram as suas amigas, amigos na escola? Quem eram/são seus professores na universidade? Quem eram/são seus colegas de trabalho e quem estava em posição de chefia?*

Facilitadora, *dê uma pausa para as pessoas pensarem.*

Quantas dessas relações foram/são inter-raciais?

 **Pessoas respondem**

Facilitadora: *Convido vocês a observarem duas imagens. Uma delas é a composição de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) de 2024. Outra é a imagem de divulgação do concurso para serviço de limpeza do estado do Rio de Janeiro (2014).*

Observar na fotografia que o STF é composto majoritariamente por homens brancos, à exceção de uma mulher também branca.



Imagem disponível em:
<https://www.conjur.com.br/2024-fev-22/veja-imagens-da-posse-do-ministro-flavio-dino-no-supremo/>

Já a imagem dos garis é representada por uma massa de pessoas, em sua maioria homens, negros, pretos e pardos.



Imagem disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5122862>

Facilitadora: *O que essas imagens nos revelam em termos de raça, gênero e classe? O que elas nos mostram em termos de papéis sociais?*

Pessoas respondem

Facilitadora: *Há uma estrutura social que nos segrega. Pessoas negras e indígenas são minoria política em nossa sociedade e minoria quantitativa em alguns espaços, como universidades e lugares políticos. No Brasil, não houve apartheid como na África do Sul, por exemplo, mas houve o que Lélia González chama de racismo por denegação: ao mesmo tempo que negamos a sua existência, as pessoas racializadas sabem o lugar que foi reservado para elas, o de subalternidade.*

No encontro de hoje, refletiremos sobre relações inter-raciais, tanto numa perspectiva macro — pensando na representatividade, nos cargos de poder e intelectuais, nos empregos de prestação de serviços, especialmente braçais —, quanto numa perspectiva íntima — qual a raça das pessoas com quem me relaciono afetivamente? Quem são meus amigos, meus vizinhos, minha família? Como a estrutura hierarquicamente desigual do Brasil interfere na minha subjetividade e nos meus afetos?



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Rodada 1

Facilitadora: *Para refletirmos sobre como o sexismo e o racismo influenciam na nossa subjetividade ao nos relacionarmos, principalmente romanticamente, vamos primeiro observar duas obras de arte: “O Cuidado”, de Danielle dos Anjos (2023), e “Mãe Preta” (1912), de Lucílio de Albuquerque.*

Nesta arte, uma menina negra tem seus cabelos trançados por uma figura fantasmagórica.



Imagem disponível em: <https://culturadoria.com.br/exposicao/>

Já na arte do século XX, podemos ver uma mulher negra sentada ao chão, amamentando uma criança branca, enquanto seu bebê negro está no chão, desamparado, num contexto de pobreza.



Imagem disponível em: <https://horadopovo.com.br/um-ensaio-a-mulher-negra-na-pintura-brasileira-no-inicio-do-seculo-xx-2/>

Facilitadora: *O que as artes retratam? De quais maneiras a questão da solidão das mulheres negras e indígenas estão presentes nas obras selecionadas?*

Pessoas respondem

Facilitadora: *As obras retratam o lugar social da mulher negra e os estigmas de racismo e sexismo que ela enfrenta. Como apontado por Lélia Gonzalez, na sociedade brasileira, a mulher negra desempenha três papéis centrais: o da Mãe Preta, o da Mulata e o da Doméstica. Na pintura “Mãe Preta”, Albuquerque mostra a mulher negra cuidando de uma criança branca enquanto seu próprio filho é deixado de lado, uma representação visual do conceito de “mãe preta” que Gonzalez descreve: a mulher negra destinada a cuidar, mas sempre subordinada, em um espaço pobre e desprovido de direitos. No mesmo sentido, “O Cuidado”, provoca reflexões sobre a solidão de meninas racializadas, que nem sempre são cercadas de um ambiente de cuidado, zelo. As obras denunciam as barreiras estruturais que delimitam o pertencimento, reafirmando a exclusão que Lélia Gonzalez associa às categorias de “mãe preta”, “mulata” e “doméstica”.*

Agora, vamos assistir ao clipe da música “Não tenha medo de mim” de Larissa Luz, para pensar sobre como esses estereótipos marginalizam mulheres racializadas em relacionamentos afetivos, românticos.

🔗 **Vídeo disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=cDtAVJ9ntqE>



PERGUNTA-CHAVE 1

Facilitadora: A música fala sobre mulheres negras desafiando estereótipos, como ser muito pesadas ou intensas para um relacionamento, e exigindo espaço para amarem e serem amadas. **De que maneira vocês acham que esses estereótipos impactam a vida amorosa e a autoestima das mulheres negras e indígenas?**



Pessoas respondem

Facilitadora: Há fatores históricos e culturais que fazem com que mulheres negras sejam a maioria de mães solo no Brasil, por exemplo. A nossa história de escravidão, em que mulheres negras e indígenas serviam ao desejo sexual de senhores brancos, ainda se reproduz nos dias de hoje. Seja na sua pouca representatividade em espaços de poder, seja por ainda serem maioria em serviços braçais e domésticos. E, nos relacionamentos, comumente desprezadas por um padrão brancocentrado.



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

FALA FEMININA. **Solidão tem cor e gênero. Solidão é uma mulher negra.** Nov. 2020. Disponível em: <https://falafeminina.com.br/solidao-tem-cor-e-genero-solidao-e-uma-mulher-negra/>

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PORTAL GELEDÉS. **Solidão da mulher negra.** Geledés, 25 jan. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/solidao-da-mulher-negra/>

SILVA, Vitória Régia da. Um retrato das mães solo na pandemia. Gênero Número, 18 jun. 2020. Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>

STEVANUX, Débora. **A mulher negra não é vista como um sujeito para ser amado.** Claudia, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/a-mulher-negra-nao-e-vista-como-um-sujeito-para-ser-amado/>.

INTERVALO

Rodada 2

Facilitadora: Nesta rodada, vamos pensar sobre a descolonização dos nossos referenciais e o lugar de fala da margem para o centro. Assim, proponho que vejamos duas artes. A primeira, “Anastácia livre”, de Yhuri Cruz (2020), e a segunda a “Intervenção sobre aquarela de Debret” (2019), de Denilson Baniwa.

A primeira imagem é um retrato de uma mulher escravizada, Anastácia, condenada ao uso desse instrumento de tortura por seu proprietário. A segunda, é a releitura feita pelo artista, em que representa a mulher livre, sorrindo.



Imagem disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2022/01/bbb22-conheca-a-historia-de-anastacia-retratada-na-blusa-de-linn-da.html>

Já, na segunda arte, um indígena observa um europeu. É possível ler os seguintes dizeres: “O antropólogo moderno, já nasceu antigo”.



Imagem disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Denilson-Baniwa-Intervencao-sobre-aquarela-de-Debret-Exposicao-Vaievem-CCBB-SP-Foto_fig6_336228692

Facilitadora: De quais maneiras essas obras nos fazem refletir sobre o impacto do lugar de fala na ressignificação de identidades historicamente marginalizadas?

Pessoas respondem

Facilitadora: A reflexão sobre descolonização e o deslocamento do lugar de fala da margem para o centro convida a um exercício de análise crítica e reinterpretação dos nossos referenciais. As obras “Anastácia Livre”, de Yhuri Cruz, e “Intervenção sobre aquarela de Debret”, de Denilson Baniwa, nos colocam diante de duas reescritas visuais que questionam e subvertem os olhares eurocêntricos e coloniais.

Em “Anastácia Livre”, Cruz revisita a imagem de uma mulher que, marcada pelo sofrimento e pela opressão, representa a resistência à tortura e ao racismo. A transformação da narrativa ao representá-

la sorrindo é um ato de libertação simbólica e de reapropriação da história; ela emerge não como objeto da opressão, mas como sujeito pleno de identidade e dignidade.

Já na intervenção de Baniwa sobre Debret, o posicionamento de um indígena a observar o europeu – acompanhado pela frase “O antropólogo moderno, já nasceu antigo” – subverte o tradicional olhar antropológico, ao colocar o indígena como observador, e não como observado, questionando as dinâmicas coloniais e as narrativas de superioridade intelectual que marcaram a etnografia e o “descobrimento”.

Ambas as obras, ao descentrar o olhar e reposicionar sujeitos históricos, são convites a revisar nossos próprios referenciais e a reconhecer o valor das vozes historicamente marginalizadas.



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

GELEDÉS. E eu não sou uma mulher?- Sojourner Truth. Traduzido por Osmundo Pinho, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

RATTS, Alex. Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo, 2006.

SAIDEIRA

Facilitadora: *Dando encaminhamento para nossa saideira, vamos refletir sobre o que foram esses quatro encontros. Convido vocês a observarem uma imagem construída pela psicóloga Silvia Silva (2024) sobre letramento antirracista.*

A primeira imagem retrata aquilo o que superficialmente parece ser o letramento antirracista, ou seja, poder dizer que não é racista.



Imagem disponível em: https://www.instagram.com/p/DBMxUZ0vjYa/?img_index=2

A segunda imagem apresenta o que na verdade é: *Vamos ler juntos?* **Facilitadora**, você pode chamar algumas pessoas para lerem as fatias de cada cor.



Facilitadora: *De que forma esses encontros contribuíram na sua caminhada para um letramento antirracista?*

 **Pessoas respondem**



PARA SABER MAIS, VOCÊ PODE LER:

GOMES, Thais Bonato; SOARES, Francisco Muenzer. Os usos do conceito de branquitude para uma educação antirracista no Brasil. **Revista Educação e Emancipação**, v. 17, n. 1, p. 149–166, 31 Mar. 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/21562>.

ENCERRAMENTO

Facilitadora: *Encerro o nosso ciclo de encontros, convidando vocês para assistirem ao clipe da música “Ekize zo ma’e wi nehe” de Kaê Guajajara, que significa “não tenha medo das coisas”.*

 **Vídeo disponível em:** https://www.youtube.com/watch?v=tdkthg22vh8&ab_channel=AZURUHU

Eu quero agradecer imensamente a disposição de vocês e as trocas que tivemos aqui hoje. Para fechar, vamos fazer um registro desse encontro?

 **No presencial:** *peça para tirar uma foto com a turma.*

 **No remoto:** *peça para que todas pessoas abram as câmeras para tirar um print.*

OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PODEM SER UTILIZADAS PARA TRATAR ESSE TEMA



VÍDEOS

🐦 “Por acaso não sou uma Mulher?” - discurso por Sojourner Truth em 1851. https://www.youtube.com/watch?v=gTHm_Zeok5c&ab_channel=MiriaCavalcante

Pontos de atenção: estereótipos, direitos da mulher negra.

🐦 RAEL. Vendaval. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0M831whcm5Y>

Pontos de atenção: imagens do clipe sobre relacionamentos inter-raciais.

🐦 SPARTAKUS SANTIAGO. O que é palmitagem?

Relacionamento interracial e miscigenação. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6Gxr4YEnxgs&ab_channel=spartakus

Pontos de atenção: miscigenação, ascensão social, afetividade.



ARTES



Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/artista-afro-cubana-recria-arte-renascentista-com-negros-como-figuras-principais/>

Ponto de atenção: reposicionar nosso olhar sobre o que é clássico, comum. Observar como nos habituamos à reproduzir a ideia de que pessoas brancas são o padrão e como esta arte subverte tal pensamento.



Disponível em: https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/n%C3%B3s-dissemos-vidas-negras-importam%C3%B3s-nunca-dissemos- apenas-vidas-negras-importa/3474901695899526/?locale=pt_BR&_rdr

Ponto de atenção: debater que todas vidas importam, mas que as vidas negras (e indígenas) merecem maior atenção por estarem sendo sistematicamente atacadas ainda pelo quesito raça. Lembrar o caso George Floyd e os impactos no Brasil, ressaltando outros tantos casos brasileiros, como o do Beto Freitas.



TEXTOS

🦋 BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Ponto de atenção: para pensar as hierarquias raciais e privilégios da branquitude no Brasil.

🦋 SILVEIRA, Oliveira. **Treze de Maio**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/11-textos-dos-autores/351-oliveira-silveira-textos-selecionados>

Ponto de atenção: poema sobre a alforria, manutenção das desigualdades raciais e resistência.

REFERÊNCIAS

CHEGANÇA

CONJUR. **Veja imagens da posse do ministro Flávio Dino no Supremo.** Sessão Solene, 22 fev. 2024. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-fev-22/veja-imagens-da-posse-do-ministro-flavio-dino-no-supremo/>.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Comlurb abre inscrições para realização de concurso para Gari.** Rio de Janeiro, 16 dez. 2014. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5122862>

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RODADA 1

ALBUQUERQUE, Lucílio. **Mãe Preta.** 1912. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/um-ensaio-a-mulher-negra-na-pintura-brasileira-no-inicio-do-seculo-xx-2/>

ANJOS, Danielle dos. **“O Cuidado”.** 2023. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/exposicao/>

BRAGA, Carol. **Exposição reflete sobre a solidão de mulheres negras em espaços de poder.** Cultradoria, 04 out. 2023. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/exposicao/>

FALA FEMININA. **Solidão tem cor e gênero. Solidão é uma mulher negra.** Nov. 2020. Disponível em: <https://falafeminina.com.br/solidao-tem-cor-e-genero-solidao-e-uma-mulher-negra/>

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HORA DO POVO. **Um ensaio:** A mulher negra na pintura brasileira no início do século XX. 2018. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/um-ensaio-a-mulher-negra-na-pintura-brasileira-no-inicio-do-seculo-xx-2/>

LUZ, Larissa. **Não tenha medo de mim.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cDtAVJ9ntqE>

PORTAL GELEDÉS. **Solidão da mulher negra**. Geledés, 25 jan. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/solidao-da-mulher-negra/>

SILVA, Vitória Régia da. **Um retrato das mães solo na pandemia**. Gênero Número, 18 jun. 2020. Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>

STEVAUX, Débora. **A mulher negra não é vista como um sujeito para ser amado**. Claudia, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/a-mulher-negra-nao-e-vista-como-um-sujeito-para-ser-amado/>.

RODADA 2

BANIWA, Denilson. **Intervenção sobre aquarela de Debret**. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Denilson-Baniwa-Intervencao-sobre-aquarela-de-Debret-Exposicao-Vaievem-CCBB-SP-Foto_fig6_336228692

CRUZ, Yhuri. **Anastácia livre**. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2022/01/bbb22-conheca-a-historia-de-anastacia-retratada-na-blusa-de-linn-da.html>

GELEDÉS. **E eu não sou uma mulher?**- Sojourner Truth. Traduzido por Osmundo Pinho, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo, 2006.

GOMES, Thais Bonato; SOARES, Francisco Muenzer. Os usos do conceito de branquitude para uma educação antirracista no Brasil. **Revista Educação e Emancipação**, v. 17, n. 1, p. 149–166, 31 Mar. 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/21562>.

SOUZA, Talita de. **BBB22: Conheça a história de Anastácia, retratada na blusa de Linn da Quebrada**. Diário de Pernambuco, 2022. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2022/01/bbb22-conheca-a-historia-de-anastacia-retratada-na-blusa-de-linn-da.html>

SAIDEIRA

SILVA, Silvia. **Letramento antirracista**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DBMxUZ0vjYa/?img_index=2

ENCERRAMENTO

GUAJAJARA, Kaê. **Ekize zo ma'e wi nehe**. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tdkthg22vh8&ab_channel=AZURUHU

CONHEÇA AS E OS ARTISTAS DAS OBRAS VISTAS NESSE ENCONTRO



DANIELLE DOS ANJOS



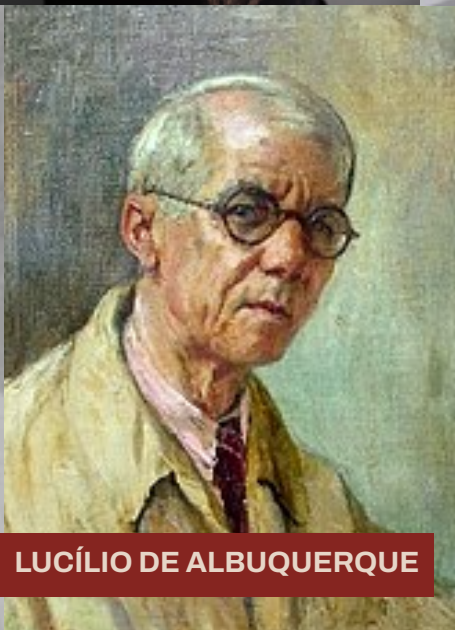
DENILSON BANIWA



PSICÓLOGA SILVIA SILVA



SOJOURNER TRUTH



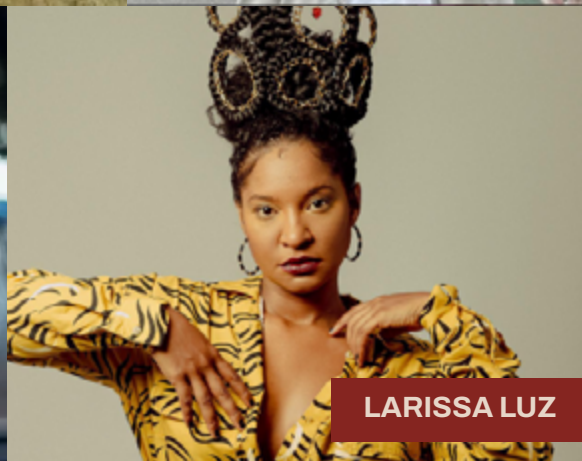
LUCÍLIO DE ALBUQUERQUE



YHURI CRUZ



KAÊ GUAJAJARA



LARISSA LUZ

AGRADECIMENTOS

O Instituto Aurora expressa seu agradecimento à profa. Patricia Meyer e ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Curitiba, pela parceria duradoura; e a Ester Athanásio, por ser nossa proponente junto à Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, abrindo novas portas para a nossa organização.

Agradecemos também à Embaixada dos Estados Unidos no Brasil pela confiança em apoiar o nosso projeto Diálogos Inter-raciais.